

A exegese espiritual das coisas e os tipos no Novo Testamento, segundo Sebastião Barradas (1543-1615)

O presente trabalho é um extracto da dissertação de doutoramento em teologia, defendida na Faculdade de Teologia da Universidade Católica de Lovaina, com o título: *A noemática na exegese dos Evangelhos em Sebastião Barradas (1543-1615). Os sentidos bíblicos no contexto do Humanismo e da Contra-Reforma. Contributo para a história da exegese pós-tridentina*. Texto dactilografado, 2 vol., 933 pp.

O exegeta estudado, Sebastião Barradas, nasceu em Lisboa em 1543 e faleceu no Colégio de Jesus de Coimbra em 1615. Frequentou, na sua cidade natal, o Colégio de S. Antão (1554-1558), em Coimbra, o Colégio das Artes (1559-1563) e finalmente, em Évora, a Faculdade de Teologia da Universidade. Professou na Companhia de Jesus, em 1 de Novembro de 1560.

O seu magistério académico distribui-se por três períodos: 1563-1568, 1568-1576 e 1578-1593. No 1.º período, no Colégio de S. Antão, ensinou latim, grego e retórica; no 2.º período, na Universidade de Évora, ensinou latim, grego e moral e no Colégio das Artes foi lente de filosofia; no 3.º período, foi Professor de Sagrada Escritura na Universidade de Évora (1578-1590) e no Colégio de Jesus de Coimbra (1590-1593).

Tornou-se célebre como lente de exegese bíblica, como escritor e também como pregador. O seu valor exegetico chegou até nós, através de quatro postilas existentes na Biblioteca Nacional de Lisboa, na Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra e na Bodleian

Library de Oxford e, sobretudo, através de duas notáveis obras: *Commentaria in concordiam et historiam evangelicam* (Tomo I, Coimbra, 1599); Tomo II, Lisboa, 1605; Tomo III, Lião, 1608; Tomo IV, Lião, 1612) e *Itinerarium filiorum Israel ex Aegypto in terram respromissionis*, Lião, 1620.

A dissertação analisa particularmente os *Commentaria*, obra surgida no contexto da Reforma e da Contra-Reforma, caracterizada pela fidelidade às orientações metodológicas da *Ratio Studiorum* da Companhia de Jesus e apreciada em toda a Europa, através de múltiplas edições, desde 1599 a 1742.

Os *Commentaria* são estudados sob o ângulo dos sentidos bíblicos, enquanto fundamento do método exegético utilizado por Sebastião Barradas. Os sentidos bíblicos e o método de exegese, na verdade, foram sempre um problema nevrálgico da compreensão dos Textos Sagrados que se torna ainda mais agudo nas encruzilhadas culturais

A dissertação estrutura-se em cinco capítulos: Sebastião Barradas e a sua obra exegética; a sistematização dos sentidos bíblicos; o sentido literal; o sentido espiritual-típico; moralia ou sentido moral.

Dentro da exegese dos Evangelhos, é determinada e fundamentada a linha noemática de Sebastião Barradas: sentido literal, o sentido espiritual-típico e a direcção antropológica e moral.

O extracto que aqui se publica, omitindo a perspectiva espiritual-teológica antecedente, apresenta a acepção de sentido espiritual-típico no campo da exegese dos textos evangélicos.

No início desta investigação sobre o sentido espiritual-típico, surge-nos a pergunta sobre a validade desta procura na exegese de Sebastião Barradas, no campo específico dos Evangelhos. Com efeito, Sebastião Barradas declara que o seu trabalho exegético se dirige para o sentido literal e para as aplicações morais¹. No seu propósito exegético não inclui o sentido espiritual.

A nossa pergunta é, pois, pertinente: Que posição toma o nosso autor face ao sentido espiritual dos Evangelhos?

Pelo conhecimento da noemática de Sebastião Barradas, quanto à doutrina geral dos sentidos e quanto ao sentido literal, podemos afirmar que a sua posição não se situa na linha valorizante do sentido

¹ SEBASTIÃO BARRADAS, *Commentaria, in concordiam et historiam evangelicam*, T. 1, Antuérpia, 1613, p. V.

espiritual, nem na linha depreciativa, mas na linha média: o carácter fundamental do sentido literal e o valor do sentido espiritual.

Mas se esta concepção de Barradas sobre o sentido literal e espiritual é válida para o Antigo Testamento², não se compreende como é válida para o Novo Testamento, uma vez que não se propõe procurar o sentido espiritual nos Evangelhos.

Estamos perante duas posições do nosso autor sobre o sentido espiritual do Novo Testamento: a primeira afirma que existe, uma vez que, pela doutrina geral dos sentidos bíblicos, toda a Escritura tem o sentido literal e o sentido espiritual; a segunda omite a referência à presença do sentido espiritual nos Evangelhos.

Como se harmoniza a exegese dos Evangelhos em Sebastião Barradas, com esta dupla posição: o sentido espiritual existe nos Evangelhos; o sentido espiritual não é procurado nos Evangelhos?

A harmonização das duas posições é dada em duas etapas, na nossa investigação sobre o sentido espiritual-típico.

Na primeira etapa, (omitida neste artigo), constata-se que para Sebastião Barradas o sentido espiritual existe nos Evangelhos, na Pessoa de Jesus Cristo enquanto existe, como máxima «res». O sentido de Jesus Cristo enquanto existente, antes de ser fixado na escrita dos Evangelhos, antes do sentido literal que o transmite nos escritos dos Evangelhos, é o sentido espiritual teológico. Como máxima «res» ou pessoa, Jesus Cristo é recebido como:

- acontecimento,
- ponto de chegada do Antigo Testamento,
- ponto de partida do Antigo e do Novo Testamento.

O sentido espiritual existe nos Evangelhos, mas anterior ao sentido literal, por isso, não é procurado, mas é um dado anterior fornecido pela fé. É a teologia de Jesus Cristo preliminar.

É este o objecto da primeira etapa em que se trata da teologia das coisas, a partir dos três primeiros livros e do livro sexto, do I Tomo de *Commentaria*³.

Na segunda etapa, (a presente exposição), a bivalência da posição de Barradas é analisada no texto dos Evangelhos onde a Pessoa de Jesus Cristo é descrita. Nos Evangelhos escritos, o sentido literal dá a dimensão de Jesus Cristo. A partir deste sentido literal, há lugar para o

² ID., *Itinerarium Filiorum Israel ex Aegypro in terram repromissionis*, Veneza, 1623, p. 1.

³ *Commentaria*, t. 1, p. 1-129; p. 263-314.

sentido espiritual inerente à Pessoa de Jesus Cristo ou inerente a outras «coisas», pessoas ou instituições presentes nos Evangelhos. O sentido espiritual inerente à Pessoa de Jesus Cristo existe, antes de tudo, como realização do sentido espiritual do Antigo Testamento. Neste âmbito, confunde-se, pois, com o sentido literal dos Evangelhos. Ao procurar o sentido literal dos Evangelhos, encontra-se a dimensão total de Jesus Cristo: a histórica e a mistérica, a experiencial e a revelada.

Noutro âmbito, o sentido espiritual pode também existir nos Evangelhos, com existência própria ligado à Pessoa de Jesus Cristo e a outras pessoas, coisas e instituições dos Evangelhos, para significar o futuro de Jesus Cristo, em si mesmo, na Igreja e nos cristãos, num futuro que penetra até ao interior da escatologia.

Qual o tratamento que Sebastião Barradas dá a esta dimensão mais própria do sentido espiritual? Á partida, não está dentro do objecto da sua exegese dos Evangelhos. Mas veremos qual a posição que toma no decorrer da exegese. Admitindo-a e não a procurando ex professo, ou procurando-a episodicamente, per transennam, manifesta um juízo de valor. Veremos à frente que juízo de valor é este.

A partir do texto dos Evangelhos e da exegese de Sebastião Barradas, vamos analisar os dois âmbitos de sentido espiritual, que acabámos de enunciar:

- 1.º O sentido espiritual retrospectiva dos Evangelhos;
- 2.º O sentido espiritual prospectivo.

I. O SENTIDO ESPIRITUAL RETROSPECTIVO DOS EVANGELHOS

A. O Novo Testamento e o sentido espiritual do Antigo Testamento

1) *Os «germani et reconditi sensus»*

Sebastião Barradas no início do comentário apresenta imediatamente a sua visão sobre a relação entre o sentido literal do Novo Testamento e o sentido espiritual do Antigo Testamento:

«Quemadmodum vero mundus in duas dividitur regiones, elementarem atque caelestem: ita sacrum volumen in duo distribuitur Testamenta, vetus ac novum: illud elementari, hoc caelesti regioni simile est. Caelestis

regio nobilior est elementari; Novum Testamentum nobilius est Veteri. In regionem elementarem corruptio cadit; caelesti contingere non potest: in ritus legesque Testamenti Veteris cecidit abrogatio: Novo illa evenire nequit. Caelestis regio totius lucis fontem habet solem; ab illo elementaris lucem mutuatur; Novum Testamentum totius gratiae fontem continet Christum; ab illo Vetus gratiam hausit. Caelum elementorum tenebras illuminat; Novum Testamentum Veteris umbras typosque illustrat. Hoc caelum, id est, Novum Testamentum, astris distinctum clarissimis, ut cum Davide loquar, enarrat gloriam Christi et opera manuum eius annunciat hoc firmamentum; quod potentissima Dei manu in Ecclesia firmatum fulget et aquas dividit ab aquis, quod est in Genesi, id est, a reliquis populis, populum christianum. Aquae enim populi sunt.

Hoc caelum nunc ingredimur, cum ad explanandos Evangelii libros plane caelestes aggredimur.

Faxit Deus, ne sit hic Phaetontis ausus; inclinet, utinam, caelos, quod David optabat, mentem humi repentem attolat; spirituque afflatam suo, ad interiora velaminis, id est, ad reconditos germanosque sensus per vestigia Patrem ducat⁴.

Os «*germani sensus*» dos Evangelhos são os sentidos literais expressos pelo autor humano iluminado pelo espírito de Deus⁵.

Os «*reconditi sensus*» são os sentidos espirituais do Antigo Testamento tornados manifestos pelos Evangelhos. O sentido literal dos Evangelhos entra no interior do véu, onde estava presente o oculto e o mistério.

O véu do Templo rasgou-se quando Cristo se manifestou na glória da cruz. O conhecimento de Cristo pelos Evangelhos dá a possibilidade de entrada no interior do véu, uma vez aberto.

Sebastião Barradas desenvolve esta ideia do véu rasgado por Cristo, a partir dos textos evangélicos⁶ e a partir dos Santos Padres e do próprio Filão⁷.

⁴ *Ibid.*, p. 1.

⁵ O nosso autor foca no início de *Commentaria* o contributo divino na redacção dos Livros, deixando para outros lugares a afirmação do contributo humano: «Humanarum mentium illustrator Deus, libros duos proposuit hominibus legendos, ex quibus res divinas, a mortalibus oculis longe semotae, cognosci possint: mundum et litteras sacras. Utrumque manu conscripsit sua. Opus enim Dei mundus est... Dei quoque opus est Sacrarum Litterarum volumen, divino dígito, id est, Spiritus, exaratum». *Ibid.*

⁶ Mc 15,38; Mt 27,51; Lc 23,46. Cf. Ex 26,33;36-37; Heb 6,19-20;9,3.6-12.

⁷ Filão refere a opinião dos teapeutas e parece identificar-se a ela, segundo SEBASTIÃO BARRADAS: «His consentanea sententia est Therapeutarum, id est, curatorum vel cultorum, quam tradit Philo, in libro de Vita Contemplativa, his verbis: Hi viri totam legem existimant habere animalis similitudinem, quod praecepta corpus referant, animam vero sententiae

Através do Novo Testamento é compreendido o Antigo ou mais explicitamente ainda, compreendendo o Novo Testamento, ao mesmo tempo é entendido o Antigo. Barradas cita S. Agostinho:

«Remoto velamine, per Novum, intelligunt et Vetus et Novum Testamentum»⁸.

Acontece a manifestação do Antigo Testamento a partir do Novo, porque o Novo ilumina os tipos existentes ao longo dos Livros do Antigo Testamento:

«Novum Testamentum Veteris umbras typosque illustrat»⁹.

Em verdade, Cristo abriu o sentido do Antigo Testamento aos discípulos e, deste modo, entenderam o que tinha sido escrito:

«Christus aperuit sensum discipulis ut intelligerent Scripturas: Et incipiens a Mose et omnibus Prophetis, interpretatus est Cleophae et comiti in omnibus scripturis quae de ipso erant»¹⁰.

Ao projectar compreensão sobre o Antigo Testamento, o Novo é a meta conseguida do Antigo, é a sua realização e a resposta aos seus anúncios e promessas:

«Vide Vetus Testamentum Novo quam consonet»¹¹.

«Mira sane est Veteris Testamenti cum Novo consonantia, divinus plane concentus, quem qui animi auribus fideliter hauriunt, et mirum in

retrusiores, sub velamine verborum abditae, in quibus rationalis anima seipsam contemplantur, tanquam in speculo... et explicans e figurarum involucris». *Commentaria*, t. 1, p. 12.

S. Agostinho, comentando 2 Cor 3,14, desenvolve a imagem do véu: «Qui sunt in Veteri Testamento, impediende velamine, nec Vetus intelligunt, nec Novum; qui autem transeunt ad Christum, remoto velamine, per Novum intelligunt et Vetus et Novum Testamentum». *Ibid.*, p. 12.

O véu do Antigo Testamento continua fechado quando não é compreendido o sentido literal dos Evangelhos que apresentam Cristo. Diz S. GREGÓRIO MAGNO, *In Comment. Job.*, cap. 6: «Usque in hodiernum enim diem, id ipsum velamen in lectione Veteris Testamenti manet non revelatum; quoniam in Christo evacuatur. Sed usque in hodiernum diem, cum legitur Moyses, velamen positum et super cor eorum. Cum autem convesi fuerint (Iudaei) ad Dominum, auferetur velamen». *Ibid.*

⁸ *Ibid.*, p. 12. S. Agostinho exprimiui a mesma ideia através da expressão tornada célebre: «Novum Testamentum in Vetere latet et Vetus in Novo patet»: *Quaest. in Hept.* 2,73 (P.L. 34,623).

⁹ *Commentaria*, t. 1, p. 1. SEBASTIÃO BARADAS declara na p. 95: «Nobis sit satis ex tot dapibus nonnihil nunc libare; cum vero sigillatim de Christi gestis agemus, quae in rem erunt Veteris Testamenti mysteria enuclare».

¹⁰ *Ibid.*, p.11. Cf. Lc 24,27.

¹¹ *Ibid.*, p. 387.

modum oblectantur et Iesum optimum Max, verissimum esse Messiam, in quem antiqua vaticinia omnia quadrant, magna cum oblectatione cognoscunt»¹².

2) *Extensão dos sentidos espirituais do Antigo Testamento*

O Antigo Testamento está repleto de sombras e tipos do Novo. A dimensão dos tipos no Antigo Testamento é a dimensão de Cristo:

«Occulta et clausa erant Christi mysteria in Veteri Testamento»¹³.

São, pois, muitos os tipos do Antigo Testamento:

«Habemus igitur in Scriptura multa esse enigmatice dicta, multa intellectu difficilia, quae divino lumine indigeant, ut a nobis cognosci possint, unde illud:

Aperuit illis sensum ut intelligerent Scripturas. Aperuit Christus Ecclesiae sensum, ut Scripturas intelligat»¹⁴.

Os tipos de Cristo são numerosos e estão espalhados por todos os livros do Antigo Testamento:

«Multa ex tabernaculo, multa ex sacerdotio, multa ex sacrificiis, multa ex toto itinere israelitarum, multa ex caeteris Scripturae Libris, rerum ad Messiam attentium mysteria depromi possunt»¹⁵.

Sebastião Baradas tem a preocupação de não cair no campo dos figuristas que afirmavam que tudo era figura no Antigo Testamento. Os figuristas tomavam como argumento a passagem de 1 Cor 10,11: «*Omnia in figura contigebant illis*». Baradas cita 1 Cor 10,11, não todavia, para fazer sobressair o «*omnia*», mas para determinar que as figuras eram verdadeiros tipos de Cristo:

«Appellat enim Paulus ea quae Israelitis contingerunt, figuras et typos: Haec omnia in figura contingebant illis: verti etiam potest: Haec omnia typice contingebant illis»¹⁶.

¹² *Ibid.*, p. 95.

¹³ *Ibid.*, p. 12.

¹⁴ *Ibid.*, p. 39-40.

¹⁵ *Ibid.*, p. 104.

¹⁶ *Ibid.*, p. 11.

Os tipos são verdadeiramente em grande número, mas não são a totalidade do Antigo Testamento:

«Theatro Synagoga similis fuit, in quo mille figurae, milleque typi Messiam venturum eiusque regnum delineantes, non perpetuum praebebant spectaculum»¹⁷.

Nos preceitos de Decálogo, concretamente, não há conteúdo típico, ainda que este exista nos preceitos judiciais e cerimoniais:

«Aeterna item Lex dici potest, quod ad praecepta attinet Decalogi moralia. Illa enim in sempiternum servabuntur, quippe quae iuris sint naturalis, ab ipsa natura, hominum mentibus insculpta, ideoque lapideis tabulis merito inscripta sunt, quod in nullam veniant abrogationem.

Caetera iudicialia, ac caeremonialia in charta sunt exarata, non in lapide firmiori, quod tandem aliquando essent antiquanda»¹⁸.

3) *Natureza do sentido espiritual-típico*

O Novo Testamento descobre os sentidos ocultos do Antigo Testamento. Descobre esses sentidos ocultos e manifesta a sua realização em Cristo e na Igreja. Os «*germani sensus*»¹⁹ dos Evangelhos são a descoberta dos «*reconditi sensus*»²⁰ do Antigo Testamento.

Entre o Novo testamento e o Antigo há uma correspondência, um acordo e uma ordenação harmoniosa que resultam da projecção profética do antes para o depois:

«Mira sane est Veteris Testamenti cum Novo consonantia, divinus plane concentus, quem qui animi auribus fideliter hauriunt et mium in modum oblectantur et Jesum optimum Max verissimum esse Messiam, in quem antiqua vaticinia omnia quadrant, magna cum oblectatione cognoscunt»²¹.

Os vaticínios do Antigo Testamento são imensamente numerosos, como atesta S. Ambrósio, citado pelo nosso autor:

«Ut enim Ambrosius ait in Commentariis D. Luc. c.2: Omnis Legis veteris series futuri typus fuit. Sed longissimam hanc seriem persequi,

¹⁷ *Ibid.*, p. 80.

¹⁸ *Ibid.*, p. 76.

¹⁹ *Ibid.*, p. 1.

²⁰ *Ibid.*

²¹ *Ibid.*, p. 95.

omnesque eius typos et vaticinia excutere, infinitum esset. Exigit suo iure argumentum hoc et quidem praeclarissimum et praeclaro aliquo ingenio dignissimum, magnum opus librosque multos»²².

Ao citar S. Ambrósio que aponta para a globalidade típica do Antigo Testamento, Sebastião Barradas acentua que a tendência profética do Antigo Testamento é dada pelo carácter específico e particular de certos factos. São, pois, determinados factos, e não todos os factos que têm força típica:

«Vides, ut cum Ambrosio dicam, omnem Legis veteris seriem futuri fuisse typum. Multa ex tabernaculo, multa ex sacerdotio, multa ex sacrificiis, multa ex toto itinere Israelitarum, multa ex caeteris Scripturae Libris, rerum ad Messiam attinentium mysteria depromi possent»²³.

Tratando-se, pois, de certos factos somente, com capacidade típica, surge a necessidade de determinar qual a natureza desses acontecimentos. Vejamos as características de tais factos, segundo a concepção de Sebastião Barradas.

a) Pessoas, coisas e acontecimentos com existência histórica

De maneira geral, os acontecimentos da história de Israel têm força típica em relação com Cristo. Igualmente, coisas como o maná e a água que brotou do rochedo. Também, pessoas como Isaac. De igual modo, as instituições e as leis que regiam o Povo de Israel.

«Appellat etiam Paulus ea, quae Israelitis contigerunt, figuras et typos: Haec omnia in figura contingebant illis (1 Cor 10,11). Verti etiam potest: Haec omnia typice contingebant illis.

Ad Hebr. legalia appellat exemplaria caelestium et exemplaria verorum, Graece ὑποδείγματα et ἀντίτυπα; appellat item parabolae, id est, similitudines temporis instantis.

Unde capite 11, ait: Abrahamum accepisse Isaac ex sacrificio incolumen, in parabolam, id est, tanquam in symbolum et typum resurrectionis Christi...

In Epist. vero ad Cor. manna vocat cibum spiritualem, aquam quae ex rupe effluxit, potum spiritualem, petram spiritualem, quia cibi spiritualis et potus Christi symbola erant»²⁴.

²² *Ibid.*

²³ *Ibid.*, p. 104.

²⁴ *Ibid.*, p.11.

Em casos determinados, com capacidade típica, o nosso autor aponta para a realidade com existência histórica. Ao falar da apresentação de Jesus no Templo, escreve:

«Obtulit Virgo par turturum, vel duos pullos columbarum; non obtulit agnum, quae ditiorum erat hostia, quoniam pauperem vitam debebat. Non obtulit agnum et obtulit agnum. Non obtulit agnum typicum, sed obtulit agnum verum; non obtulit imaginem, sed rem imagine indicatam; non obtulit umbram, sed ipsam lucem. Non obtulit hostiam divitum, sed obtulit hostiam ditissimam; obtulit hostiam pauperum sed quae divitum omnium opulentissimas hostias vincebat. Obtulit enim Agnum Dei, qui tollit peccata mundi, cujus oblatio omnes superat oblationes, somnes hecatombes, omnia Legis antiquae sacrificia»²⁵.

Aqui, o nosso autor considerou tipo de Cristo o cordeiro a oferecer no templo. Noutra lugar, vai directo a um tipo mais forte e marcante, dentro da história da libertação do Povo de Deus da escravidão do Egipto:

«Fugit autem agnus verus in Aegyptum in qua illius typus, Paschalis olim agnus immolatus praecesserat, ne sine illa regione (ait D. Leo Sermone 3, de Epiphania) pararetur singularis hostiae Sacramentum, in qua primum occisione agni, salutiferum crucis signum et pascha domini fuerat efformatum»²⁶.

A partir de pessoas concretas e de aspectos da sua vida, são constituídos anúncios da vida e particularmente da acção de Cristo:

«Ostenditur Christum dictum esse Nazareum a prophetis, id est, in prophetis scripturis, sensu mystico et in typis. Nam Joseph Nazaraeus dicitur a patre Jacob et a Mose similiter vocatur Nazaraeus (Gn 49; Dt 33). Sanson appellatur ab Angelo Nazareus. Hi vero umbrae et prophetici quidam typi fuere Christi. Sensu literali illi Nazarei vocantur; sensu arcano vocatur Christus»²⁷.

b) Realidades que têm referência a Cristo e à Igreja

Através das narrações escritas, para além do sentido literal, há uma linguagem oculta mas expressamente dirigida para Cristo e para a Igreja:

²⁵ *Ibid.*, p. 485.

²⁶ *Ibid.*, p. 500.

²⁷ *Ibid.*, p. 497.

«Quaerendus autem est Messias tam in ipsa Scripturae litera (multa enim de Messia literaliter sensu intelligenda sunt), quam sub literae velamine, siquidem multa quoque sub literae cortice Messiae Ecclesiaeque mysteria delitescere perspicuum est»²⁸.

A linguagem dos factos tem em vista Cristo, por uma ordenação divina que os dirige para uma segunda finalidade, sendo a primeira a que é expressa pelo sentido literal.

Interpretando o texto de Mateus 2,15, em que é citado Oseias 11,1, afirma Sebastião Barradas:

«Ex Aegypto vocavi Filium meum... De reditu Christi Filii Dei ex Aegypto in Iudaeam vaticinatum Oseam ostendit Evangelista. Sic enim Deus loquitur: Ex Aegypto vocavi filium meum. Quae verba sensu quidem litterali de populo israelitico intelliguntur, quem Deus filium appellat: Filius, inquit, meus primogenitus Israel (Ex 4,22). Ex Aegypto vocatum esse a Deo et Mose duce filium hunc, in terram promissam ductum, quis ignoret?

Sensu sublimiori, qui sub literae cortice latet, de naturali Dei Filio Christo explanada esse, divinus Spiritus Scripturarum auctor, per Matthaeum docet. Est enim mira Scripturae profunditas. Ea quae typice praecedunt in aliis (ait Hieronymus, Oseae 11) iuxta veritatem et adimpletionem referuntur ad Christum. Ex Aegypto vocavi filium meum, dicitur quidem de populo Israel, qui vocatur ex Aegypto, sed perfecte refertur ad Christum»²⁹.

Nos tipos do Antigo Testamento é pretendida a referência a Cristo e a momentos significativos da sua vida. O contexto da matança dos inocentes, quando Herodes deseja eliminar a criança que lhe é anunciada como rei dos Judeus (Mt 2,2), é anunciado tipicamente através do pranto por causa do cativo do Reino do norte:

«Vox in Rama audita est. Hoc testimonium extat apud Ieremiam (31,5), duplicem continent sensum, alterum litteralem, alterum mysticum. Litterali de decem tribuum captivitate exponitur, de qua illo cap. sermo est...

Sensu mystico de fletu foeminarum locus est interpretandus, quarum infantes ab Herodis satellitibus trucidati sunt. Tunc, ait Evangelista, impletum est, quod multo antea Jeremias, sensu arcano, fuerat vaticinatus. Vox in excelso aere vel in coelo audita est, ploratus aethera penetravit., Rachel plorabat filios suos, hoc est, foeminae Bethlehemitides, quemadmodum Rachel abeuntes in captivitatem filios deploraverat, ita

²⁸ *Ibid.*, p. 95.

²⁹ *Ibid.*, p. 493.

suos infantes ocisos deflebant. Consolationem autem recipere noluerunt, quia immaniter interfecti filii, non sunt, id est, non existunt, sed e vita migrarunt. Racheli tribuitur planctus foeminarum vel quoniam Rachel prope Bethlehém sepulta est, ut constat ex Genesi, vel quoniam Rachelis ille planctus typus fuit planctus harum foeminarum»³⁰.

c) Ordenação típica conhecida somente por Deus

O sentido típico ligado às coisas e às pessoas existe para além do sentido literal. Enquanto este é conhecido do autor humano, aquele, o sentido típico, é conhecido só por Deus, pois somente Deus o determinou. O sentido típico consitui a profundidade da Escritura, onde Deus depositou ocultamente uma relação a Cristo:

«Magna est Scripturae, ut dixi, profunditas, quam nemo absque Spiritu Divino penetrare possit. Non per accommodationem testimonio Oseae utitur Matthaeus (2,15), sed in verissimo sensu mystico, quem Spiritus Sanctus, veluti nucleum dulcissimum, sub cortice litterae abdidit»³¹.

Os Judeus não reconhecem os anúncios de Cristo no Antigo Testamento, porque não querem entender o que o Espírito Santo disse, em linguagem oculta, mas verdadeira. Foi, pois, Deus que estabeleceu a relação entre os tipos e Cristo:

«Sunt, item similes pueris qui dominorum libros in gymnasia portant, legunt, nec tamen intelligunt. Sic Judaei Ecclesiae, velut Dominae, totum per orbem dispersi portant Biblia, legunt puerili ac carnali sensu relegunt, evolvunt, quid sibi velit Spiritus Sanctus non intelligunt»³².

d) A referência típica é desconhecida do autor humano

O autor humano fica aquém da ação de Deus que prolonga a linguagem das palavras através dum conteúdo oculto, como ficou afirmado na característica anterior.

³⁰ *Ibid.*, p. 496.

³¹ *Ibid.*, p. 493.

³² *Ibid.*, p. 55.

Quando o autor humano penetra para além do sentido literal para atingir o sentido típico, é por intervenção extraordinária de Deus, por iluminação revelativa. É o caso da referência a Cristo, em Gn 49,8:

«Compertum est ex tribu illustrissima Iudae originem carnis duxisse Christum Opt. Max., id enim aperte docet Paulus (Heb 7,14)... Docent etiam illa Joannis verba (Ap 5,5)... Admirabilem hanc originem cum mentis acutissima acie, praevidisset morti vicinus Jacob, filium suum Iudam miro gaudio exhilaratus sic affatur: Iuda, te laudabunt frates tui, manus tuae in cervicibus inimicorum tuorum; adorabunt te filii patris tui (Gn 49,8)... Laudabunt, inquit, te frates tui, ob regiam dignitatem quae tribui Iudae obvenit; adorabunt te filii patris tui, quia reges adorari solent et coli. Hic humilior sensus. Altiori, optatissimum Messiam Jacob suspexit, ut ait D. Ambrosius de benedictionibus Patriarcharum...

De Christo ergo potissimum haec dicta sunt: Te laudabunt frates tui, adorabunt te filii patris tui...»³³.

e) Fundamentação no sentido literal

Os factos do Antigo Testamento são como que enigmas e parábolas de outras realidades. Existe, pois, o sentido literal que exprime as realidades primeiras e o sentido típico que exprime realidades segundas através das primeiras:

«Observandum praeterea est Sacram Scripturam aenignatum et parabolarum involucris caligineque verborum, multa obtegere quae nisi involucra deponantur et caligo illuminetur, intelligi non possunt»³⁴.

O sentido literal é casca exterior. Por dentro, está a polpa do fruto à qual é comparado o sentido típico:

«Noli in cortice litterae haerere; frange nucem nucleum ede»³⁵.
«Sensu sublimiori, qui sub litterae cortice latet»³⁶.

O sentido típico está assente no sentido literal e a ele está ligado intrinsecamente porque não pode ser descoberto senão após o conhecimento do sentido literal:

«Oportet enim sensum prius litterae perscrutari, ad spiritum deinde et mores transire»³⁷.

³³ *Ibid.*, p. 179.

³⁴ *Ibid.*, p. 38.

³⁵ *Ibid.*, p. 360.

³⁶ *Ibid.*, p. 493.

³⁷ *Ibid.*, p. 441.

4) *Crêterios discernitivos dos tipos*

Acabámos de traçar as características que definem a natureza dos tipos do Antigo Testamento. Conhecida a natureza dos tipos, persiste a dificuldade em identificar em cada caso a sua existência. Já vimos que o nosso autor não envereda pela linha dos figuristas universais que consideram que tudo   tipo de Cristo no Antigo Testamento. Somente certos factos, pessoas e coisas têm uma finalidade anunciativa e por isso figurativa. A sua determinação   resultado do recurso a meios de conhecimento. Existem, pois, cr terios para discernir os verdadeiros tipos anunciadores das realidades da Nova Aliança. Vejamos quais são.

a) Indicação da luz do Espírito Santo

Na Escritura, há uma linguagem difícil e enigmática que, paa ser conhecida,   necessária a luz do Espírito Santo:

«Habemus igitur in Scriptura multa esse enigmaticice dicta, multa intellectu difficilia, quae divino lumine indigeant, ut a nobis cognosci possint»³⁸.

O sentido literal pode ser conhecidos pela capacidades naturais do leitor, mas o sentido espiritual são pode ser penetrado pela luz do Espírito Divino, sem contudo dispensar o esfor o humano através de longa pesquisa. Comentando Mt 2,15, escreve Sebast o Barradas:

«Quae verba sensu quidem litterali de populo Israelitico intelliguntur, quem Deus filium appellat... Ex Aegyptio vocatum esse a Deo et Mose duce filium hunc, in terram primisam ductum, quis ignoret?

Sensu sublimiori, qui sub litterae cortice latet, de naturali Dei Filio Christo explananda esse, Divinus Spiritus Scripturarum per Matthaecum docet»³⁹.

Sebast o Barradas, citando S. Ambrósio (Comm. D. Luccae, cap. 2), afirma que   necess rio também intelig ncia e muito trabalho para identificar os tipos:

³⁸ *Ibid.*, p. 39-40; Cf. p. 11.

³⁹ *Ibid.*, p. 493.

«Omnis Legis veteris series futuri typus fuit. Sed longissimam hanc seriem persequi, omnesque eius typos et vacticinia executere, infinitum esset. Exigit suo iure argumentum hoc et quidem praeclarissimum et preclaro aliquo ingenio dignissimum, magnum opus librosque multos»⁴⁰.

b) A declaração de Jesus Cristo

Cristo é o objecto do sentido típico. É Ele também que, no decorrer da sua vida, declara os anúncios misteriosos referidos a si e realizados em si:

«Nemo autem, nisi Agnus Dei obsignatum librum aperire potuit. Christus enim clausa Scripturae mysteria tum dictis tum gestis aperuit, velamen sustulit, animam Veteris Testamenti sub littera, tanquam sub corpore delitescens patefecit; nucem Pater fregit, dulcissimumque nucleum filiis edendum praebuit»⁴¹.

Cristo torna inteligível a Escritura e concretamente aponta para os textos que ocultamente se referiam a Ele. Os discípulos foram ensinados por Cristo, nesta maneira de interpretar a Escritura:

«Christus aperuit sensum Discipulis ut intelligerent Scriptura, Luc 24,27: Et incipiens a Mose et omnibus Prophetis, interpretatus est Cleophae et comiti in omnibus Scripturis quae de ipso erant»⁴².

A serpente levantada por Moisés no deserto é tipo de Cristo, levantado¹ para ressurreição ou ruína de todos os que o descobrem. O próprio Cristo declarou a relação entre si mesmo e a serpente do deserto.

Comentando Lucas 2,34, observa Sebastião Barradas:

«Sensum, maxime verissimilem praedictis, addam qui mihi in mentem venit. Alludit Simeon ad illud: Fac serpentem et pone eum pro signo; qui percussus aspexerit eum, vivet. Fecit ergo Moyses serpentem aeneum et possuit eum pro signo; quem cum percussi aspicerent, sanabantur (Num 21,9). Umbra haec Christi fuit, ut constat ex verbis eiusdem Domini: sicut Moyses exaltavit serpentem in deserto, ita exaltari oportet filium hominis (Jo 3,14). Unde huiusmodi colligitur loci explanatio: Christus positus est, sive ponetur in signum, quemadmodum serpens aeneus in

⁴⁰ *Ibid.*, p. 95.

⁴¹ *Ibid.*, p.12-13.

⁴² *Ibid.*, p. 11; Cf. p. 40.

signum positus est in deserto. Multi illum aspicient viva fide salutemque recipient ac resurrectionem; plurimi contradicent et corruent. Signum erit omnibus propositum, quibusdam ruina, aliis resurrectio»⁴³.

c) A afirmação dos escritores do Novo Testamento

A descoberta da correspondência entre Cristo e o que foi narrado no Antigo Testamento é constatada e apresentada pelos escritores do Novo Testamento. A partir da proclamação do próprio Cristo e da iluminação do Espírito Santo, os escritores o Novo Testamento. entraram dentro do mistério escondido nos livros da Antiga Aliança Mateus descobre o sentido espiritual de Oeias 11,1:

«Sensu sublimiori, qui sub litterae cortice latet, de naturali Dei Filio Christo explananda esse, Divinus Spiritus Scripturarum auctor, per Matthaeum docet»⁴⁴.

João manifesta o sentido escondido em Ex 12,46:

«Hunc in modum (ut alia omittam exempla), illud: «os non confringetis ex eo» (Ex 12,46), quod sensu litterali de Agno Paschali dictum est, Joannes sensu praecelentiori, atque arcano, de Christo dictum affirmat»⁴⁵.

Paulo interpreta e extrai a dimensão espiritual de certos acontecimentos antigos, como o narrado em Gn 15,5-6:

«Eduxit Deus Abraham foras et ait illi: suspice caelum et numera stelas si potes et dixit ei: sic erit semen tuum: Credidit Abraham Deo et reputatum est illi ad iustitiam (Gn 15,5-6). Credidit, inquam Abraham Deo pollicenti seminis multiplicationem, maxime spiritualis per Christum; de semine enim spiritali verba haec interpretanda ex Paulo colliges (Rom 4,17).

Sic erit semen tuum: praecipue spiritale per fidem, sicut stellae caeli, quas vides innumerabiles. Fidem itaque de Christo habuit et in Christum Abrahamus, quae in illis quoque verbis maxime cernitur: in semine tuo benedicentur omnes gentes terrae. In semine tuo, id est, in Christo, ut Paulus interpretatur: Abrahae, inquit, dictae sunt promissiones et semini eius. Non dicit et in seminibus, quasi in multis, sed quasi in uno et semini tuo, qui est Christus (Gal 3,16)»⁴⁶.

⁴³ *Ibid.*, p. 447-478.

⁴⁴ *Ibid.*, p. 493.

⁴⁵ *Ibid.*

⁴⁶ *ibid.*, p. 188.

A Epístola aos Hebreus ilumina a pessoa de Isaac e reconhece nela a figura do Messias:

«Fuit autem Isaac et progenitor et typus praeclarus Messiae, ut docet Paulus: Abraham, inquit, Isaac in parabolam accepit (Heb 11,19), id est in similitudinem et typum Christi»⁴⁷.

d) A proposta dos Santos Padres

Na interpretação dos Evangelhos, Sebastião Barradas propõe-se primariamente seguir dois caminhos: o Espírito Santo e os Santos Padres.

Já para o sentido literal estes dois meios são indispensáveis. Para perscrutar e descobrir o sentido espiritual, o nosso autor, com mais razão recorre à luz do Espírito Santo que ilumina os escritores sagrados e recorre aos Padres, também eles ilustrados pelo Espírito de Deus⁴⁸.

Por isso, por vezes, fundamenta-se somente na opinião de Santos Padres, para descobrir a existência de tipos vetero-testamentários.

S. Jerónimo afirma que visam referir-se ao Messias as palavras de Jer 32,37-40:

«D. Hieronymus de tempore Mesiae exponit. Sequitur enim: Feriam eius pactum sempiternum, scilicet Testamentum novum, etc... Dicimus ergo Messiam a captivitate et quidem acerbissima, multoque saeviore quam Babylonica fuerit, aut Aegyptiaca, Iudaeos, universumque Israellem secundum Spiritum liberasse; atque in promissam terram, id est, Ecclesiam, lacte et melle manantem induxisse»⁴⁹.

⁴⁷ *Ibid.*, p. 189. A Epístola aos Hebreus descobre numerosos tipos: «Quae verba (2 Rs 7,12) duplicem continent sensum, alterum humiliorem de Salomone, alterum sublimiorem de Christo, quem nobis Paulus aperuit ad Hebraeos». *Ibid.*, p. 184.

Na p. 11, citam-se as seguintes passagens de Heb.: 9,9; 9,23-24;10,1;11,19; e das Cartas de S. Paulo: Col 2,17; 1 Cor 10,14;11; Rom 7,14.

⁴⁸ *Ibid.*, p. IV-VI: «Duo haec in hoc opere decretum mihi observare. Spiritus in primis Sanctissimi a puppe flantem ventum postulare nunquam desinam, ut cuius inspiratione litterae sacrae sunt conscriptae, eiusdem aspiratione explanentur... Quod secundo loco a Ruperto in hac navigatione propositum est, Patrum est veluti syderum contemplatio. Haec ego clarissima sydera semper aspiciam, hos duces sequar, ex his fontibus hauriam, his fluminibus mea arva irrigabo, sacrorum librorum intelligentiam non ex praesumptione mea, sed ex maiorum scriptis et auctoritate depromam (...) Habes igitur, optime lector, in hoc primo Tomo, habebisque in reliquis, Deo votis aspirante, litteralis sensus tum ex Patrum, tum ex Doctorum qui postremis his saeculis scripserunt elucubrationibus, investigationem». Cf. *Ibid.*, p. 1:«Faxit Deus... inclinet, utinam, caelos, quod David optabat, mentem humi repentem attollat: spirituque afflatam suo, ad interiora velaminis, id est, ad reconditos germanosque sensus per vestigia Patrum ducat».

⁴⁹ *Ibid.*, p. 51.

Em S. Bernardo, encontra o nosso autor a razão para descobrir na esposa etiópica de Moisés um tipo da Igreja esposa de Cristo:

«Similem quoque typum habes Numerorum 12: Locuta est Maria contra Moysen, propter uxorem eius Aethiopissam. At graves poenas dedit. Siquidem e lepra infecta est et a castris Israelitarum pulsa... Quemadmodum Moyses uxorem duxit Aethiopissam, ita Christus Ecclesiam duxit ex gentibus Aethiopissam, peccatorum nigrore atram, ut docet Bernardus: Propter Aethiopissam, inquit, istam de longinquo Filii aeterni Regis adventi et ut sibi eam desponsaret, etiam mori pro illa non timuit»⁵⁰.

É atribuída a S. Ambrósio a consideração de Rut como tipo da Igreja:

«Populus tuus, populus meus et Deus tuus, Deus meus (Rut 1,1). Sunt haec extrema verba Ruth cui Ambrosius similem esse affimat Ecclesiam gentium. In Ruth, inquit nostrum omnium, qui collecti ex gentibus sumus, ingrediendi in Ecclesiam Domini figura praecessit. Enim vero ut Ruth populo Moabitico, patriisque ritibus relictis, veri Dei religionem complexa est, sic Ecclesia nationis et cognationis suae oblita, simulachrorum cultu abiecto, Deo vero Christo adhesit, quod a regio vate consilium accepit. Psalm 44: Audi, filia, et vide inclina aurem tuam et obliviscere populum tuum et domum Patris tui et concupiscet Rex decorem tuum»⁵¹.

e) A descoberta pela Igreja

A Igreja tem poder para interpretar a Escritura e descobrir o seu verdadeiro sentido. Pela autoridade da Igreja chega-se a penetrar e a aceitar a verdade do Evangelho:

«Obiiciet quispiam, non tantum esse Evangelii veritatem, quantum esse asseruit Paulus. Siquidem Augustinus contra epistolam fundamenti,

⁵⁰ *Ibid.*, p. 52.

⁵¹ *Ibid.*, p. 183.

São citados S. Agostinho, S. Gregório Niseno, S. Leão Magno, Ruperto, para fundamentar a referência, possivelmente típica, à Virgem Maria, em Gn 3,15: «Quibus Divini Verbi incarnationem, perpeccionemque veluti in aenigmate depinxit. Mulier enim illa, inter quam et serpenter inimicitias Deus posuit perpetuas, Virgo est Sanctissima, cujus in visceribus purissimis, Divinum Verbum naturam assumpsit humanam». *Ibid.*, p. 97.

Em p. 188, é dado o modo de entender de Orígenes, quanto a Gn 15,56; 22,16-17: «De Christo, sensu sublimiori, haec intelligenda sunt, ut Orígenes intellexit...».

capite 5, haec scribit: Evangelio non crederem, nisi me Catholicae Ecclesiae commoveret auctoritas.

Attamen nihil asserit Augustinus Paulo repugnans, Evangelium summae veritatis, nempe divinae, esse sentit; ab Ecclesia vero credentibus tradi et quodnam sit verum ac recipiendum Evangelium edoceri, qua in re falli illa nullo modo potest. Non crederet Augustinus Evangelio Matthaei vel Joannis, nec nos crederemus, nisi Ecclesia, cuius est de Canonicis Scripturis earumque interpretatione iudicare, doceret, Scripturam illam esse divinae veritatis.

Quemadmodum enim margaritarius unionibus pretium non tribuit, sed candor, laeavor, magnitudo, pondus; pro sua tamen scientia ignorantibus quanti praetii sint ostendit. Sic Ecclesia Evangelio ceterisque Canonicis Libris veritatem minime inserit, sed divina auctoritas et revelatio; pro sua tamen potestate, credentibus, quantae veritatis sint, nimirum summae ac divinae, demonstrat. Poterit quidem margaritarius falli, dum pretium indicat margaritarum; eo quod peritia utitur, quae facile in errorem potest induci, at Ecclesia a veritate aberrare nequit, dum veritatem indicat Scripturarum, quia columna est et firmamentum veritatis, ut Paulus testatur» (1 Tim 3)⁵².

A Igreja descobre e manifesta a verdade da Escritura, porque a Bíblia está-lhe entregue, a Bíblia é uma realidade sua. A Bíblia é da Igreja:

«Iudaei Ecclesiae, velut Dominae, totum per Orbem dispersi portant Biblia; legunt puerili ac carnali sensu relegunt, evolvunt, quid sibi velit Spiritus Sanctus non intelligunt»⁵³.

A Bíblia é da Igreja, não para que a Igreja a use de modo arbitrário, mas para que a guarde e transmita segundo a inteligência que recebeu de Cristo. A Igreja entende a Escritura, por iluminação de Jesus Cristo:

«Aperuit Christus Ecclesiae sensum, ut Scripturas intelingat. Profunda fluviorum, ut dicitur in Job (id est, Scripturarum Sanctarum, quae irrigantibus fluviis similes sunt) scrutatus est et abscondita produxit in lucem (Job 28,11), quia dum suis expositoribus, ait Gregorius, intelligentiae spiritum indit, antiquas prophetantium obscuritates aperuit. Sed horum fluminum, ait idem Sanctissimus pastor, Iudaea speciem tenuit, dum litterae superficiem servans, eorum profunda nescivit»⁵⁴.

⁵² *Ibid.*, p. 28.

⁵³ *Ibid.*, p. 55.

⁵⁴ *Ibid.*, p. 40.

A Igreja penetra nos sentidos profundos e escondidos da Escritura, porque é conduzida por Cristo no Santo dos Santos da verdade, tendo Cristo aberto o véu que escondia:

«Paravit Rebecca cibos, sicut velle noverat patrem (Gn 27,14)... Coquendos haedos ad matrem Rebeccam Iacob attulit: cibos non Iacob, sed mater paravit. Quomodo vero paravit? Ut velle noverat Isaac.

Similem in modum, probus Christianus, mensae, id est, Scripturae Sacrae cibos, ad matrem suam, ad Rebeccam suam (pinguedinem hebraeum nomen sonat), ad Ecclesiam, divino Sapientiae dono impinguatam, coquendos et extenuandos affert. Mons enim Dei, id est, Ecclesiae, mons est pinguis, mons coagulatus, mons pinguis (Psal 67). Ut quid haeretici, ut quid Iudaei, suspicamini montes alios coagulatos? ... Ut quid ad pinguem Dei montem, ad veram omnium matrem Rebeccam, Romanam Ecclesiam, cibos coquendos non affertis? Illa verbi divini dulces epulas ita parat, sicut verum Isaacum Christum velle novit, illa Scripturas ex divina voluntate, scientiaque interpretatur, illa rescisso velo in Sancta Sanctorum, id est, intimos Sacrae Paginae sensus penetrat»⁵⁵.

Qual é a Igreja que penetra os sentidos de Escritura?

A Igreja manifesta-se através de diversos meios. A Igreja está presente na Igreja Romana. Aí é conservada, pois, a fé que dimana de Cristo e chega até nós imutável:

«Super Petram fundata est Romana Ecclesia, et si flumina inundent et si ventorum turbines irruant et si portis tartareis effusi exercitus oppugnent, stabit semper fide antiqua atque immutabili. Opiniones quidem mutationem recipere possunt, fides mutationem non recipit»⁵⁶.

A fé da Igreja manifesta-se também através dos Concílios e dos Padres e Doutores antigos:

«Amiserunt Christum haeretici, neque inveniunt et quia in medio doctorum non quaerunt. In coeno fontem requirunt, e turbida ac pestifera aqua potum petunt, in spinis uvas, in tribulis ficus quaerunt... Fontes purissimi, aqua saluberrima pleni sacraque concilia sunt ex quibus vera, antiquaque Ecclesiae doctrina hauritur. Hae sunt vites ex quibus uvae, hae ficus ex quibus dulces fructus colliguntur.

In medio doctorum antiquorum et patrum qui summo cum consilio in Consiliis sententiam dixerunt, Christum reperitur, in medio novatorum amittitur»⁵⁷.

⁵⁵ *Ibid.*, p. 387.

⁵⁶ *Ibid.*, p. 390.

⁵⁷ *Ibid.*, p. 518.

Os Doutores e os Pastores da Igreja são manifestação da Igreja. Receber os seus ensinamentos é receber a doutrina da Igreja:

«Illa anima in domo matris habitat quae habitat in Ecclesia Catholica; practerea quae nec sui iuris est, nec proprii tenax iudicii, doctoribus et pastoribus obedientiam praestans; sunt enim doctores et pastores veluti matres, iuxta illud Pauli: Filioli mei, quos iterum parturio, donec formetur Christus in vobis (Gal 4,19)»⁵⁸.

A Igreja descobre os tipos através do ensinamento do Romano Pontífice, dos Concílios, dos Padres e dos Doutores. Quando, pois, a Igreja afirma a Virgindade de Maria, fundamenta-se não só no sentido literal, mas também no sentido típico que os Padres encontram no Antigo Testamento.

Há um sentido literal profético, em Is 7,14:

«De Virgine Deipara vaticinium exposit D. Cyrill et Procopius in Isaiam, D. Epiphan. haeresi 78, Eusebius l. 7 de demonstratione c.2, Nicetas in Commentariis orationis 42, Nazianzeni et alli...

Itaque intelligendum est Vaticiinium celeberrimum, non de uxore Achaz, aut de uxore Isaiae, sed de intemerata Virgine Dei parente...»⁵⁹.

Além desse sentido literal, existem muitas figuras e muitos tipos da Virgindade de Maria, no Antigo Testamento. Esses tipos são apresentados pela Igreja através do ensinamento e dos escritos dos Santos Padres:

«Admirabilis autem Deiparae Virginitatis multas in divinis litteris habet similitudines et adumbrationes.

In primis, quemadmodum primus Adam de virgine terra efformatus est, ita secundus Adam de Virgine matre conceptus ac natus...

Item, quemadmodum rubus ille (Ex 3,2) in quo Deus apparuit olim ignem concepit et virorem conservavit, ita Virgo ardentem ignem Christum concepit et virginitatis virorem non amisit...

Tertio. Quemadmodum Gedeonicum vellus ex carne ovis, absque vulnere carnis detonsum est (Iud 7,36-40), ita caro Christi ex corpore virginis, absque detrimento virginitatis est sumpta... Quarto. Quemadmodum Aaronica virga absque humano opere flores emisit (Num 17,23), ita Virgo absque viri opera, florem Christum concepit...

Quinto. Quemadmodum, lapis e monte sine manibus excisus est, ita Christus ex utero virginis absque viri opera natus...

⁵⁸ *Ibid.*, p. 519.

⁵⁹ *Ibid.*, p. 386.

Sexto. Deiparae Virginitatem porta illa clausa, hortus ille conclusus, fonsque signatus adumbrat (Ez 44,1-2; Cant 4,12)»⁶⁰.

B. Tipos apontados

Acabámos de analisar os elementos que permitem caracterizar o sentido espiritual-típico do Antigo Testamento:

trata-se do sentido descoberto pelo Novo Testamento;

trata-se dum sentido escondido no Antigo Testamento, não universalmente, ainda que de forma dominante e em muitos lugares;

trata-se dum sentido específico, cuja natureza foi determinada;

e que pode ser identificado, através de critérios concretos e discernitivos.

Ao longo da exposição feita, foram sugeridos vários tipos segundo a concepção do nosso autor. Agora, vamos alargar o âmbito do elenco dos tipos apresentados por Sebastião Barradas, sem, contudo, pretender traçar uma lista completa ou exaustiva. Primeiramente, faço uma referência aos tipos relacionados com Cristo e com a Igreja, na perspectiva geral da teologia das coisas; em segundo lugar, detenho-me mais explicitamente nos tipos, enquanto surgidos, através da exegese dos Evangelhos.

1) *Tipos do Antigo Testamento, em perspectiva teológica*

Vou referir os tipos apresentados por Sebastião Barradas na perspectiva da teologia das coisas. São recordados na sua secção própria consagrada à teologia das coisas. Agora são trazidos a este lugar, somente porque eles estão implicados no texto do Antigo Testamento e, por isso, também têm uma relação como texto do Novo Testamento. Contudo, a sua localização na dimensão teológica dá-lhe um valor relativo, na nossa presente análise do comentário exegético.

⁶⁰ *Ibid.*, p. 343-344.

Os tipos, pois, que vão ser expostos pertencem à secção teológica desenvolvida em tomo I, Liber primus (*De Testamento et de Evangelio*), Liber secundus (*An Messias venerit sitque Dominus Jesus*), Liber tertius (*Messiam venisse confirmatur*) e Liber sextus (*De admirabili summaque veneratione digna matre Dei Maria*)⁶¹.

Os tipos são muitíssimos e estão dispersos por todos os lugares do Antigo Testamento. São uma quantidade imensa. É mesmo impossível determinar a sua conta. São incontáveis:

«Multa ex tabernaculo, multa ex sacerdotio, multa ex sacrificiis, multa ex toto itinere Israelitarum, multa ex caeteris Scripturae Libris, rerum ad Messiam attinentium mysteria depromi possent»⁶².

«Theatro synagoga similis fuit, in quo mille figurae, milleque typi Messiam venturum, eiusque regnum delineantes, non perpetuum praebebant spectaculum»⁶³.

Sebastião Barradas cita S. Ambrósio, (*Comment. D. Luccae, cap. 2*) para chamar a atenção da imensa quantidade dos tipos que tiveram realização em Cristo:

«Omnis legis veteris series, futuri typus fuit. Sed longissiman hanc seriem persequi, omnesque eius typos et vaticinia excutere, infinitum esset»⁶⁴.

Vejamos, pois, tipos concretos que o nosso autor identifica.

— A expulsão de Adão e Eva do paraíso terrestre é tipo da expulsão do Paraíso celeste⁶⁵.

— Abel inocente é tipo do Messias; o ímpio Cain é tipo do povo judaico⁶⁶.

⁶¹ *Ibid.*, p. 130; 263-314.

⁶² *Ibid.*, p. 104.

⁶³ *Ibid.*, p. 80.

⁶⁴ *Ibid.*, p. 95.

⁶⁵ *Ibid.*, p. 97-98: «Peccatum Adami omnium malorum seminarium, aeternae memoriae prodidit Moyses, ipsius deinde peccati remedium Virginis filium fore indicavit. Post haec, cujus modi fuerit, ante hoc remedium allatum, hominum status, sub typo docuit. Scribit enim, Deum primos parentes a paradiso expulisse... Quemadmodum primi parentes e Paradiso terrestri, ita e Paradiso quoque coelesti cum posteris propter peccatum expulsi. Illa enim expulsio ex terrestri, expulsionem ex coelesti adumbrabat».

⁶⁶ *Ibid.*, p. 98: «Messiae innocens Abel, Iudaici populi impius Cain, imago est».

- Noé é tipo de Cristo e a arca construída por Noé é tipo da Igreja Católica⁶⁷.
- A promessa de Isaac feita por Deus a Abraão é figura da promessa de Cristo; o sacrifício de Isaac é tipo do sacrifício de Cristo⁶⁸.
- Esaú é tipo do povo judaico e Jacob tipo dos pagãos que entram para o Povo de Deus⁶⁹.
- A luta de Jacob com o anjo é tipo da polémica de Cristo com os judeus⁷⁰.
- A escada vista em sonho por Jacob figura a Encarnação do Verbo Divino⁷¹.
- A pedra ungida por Jacob é figura de Cristo⁷².
- Bethel é tipo da Igreja⁷³.
- Jacob a caminho da Mesopotâmia para encontrar esposa é tipo de Cristo que desceu do céu para se unir à Igreja, sua Esposa⁷⁴.

⁶⁷ *Ibid.*, p. 98-99: «Expulso Caino, id est, populo Iudaeorum, ob necem Messiae, Deus alium sibi populum asciscit, Ecclesiamque aedificat. Quid enim aliud significat ingens illa Arca Noe iussu Dei extracta, quam Catholicam Ecclesiam a vero Noe Christo Optimo Maximo exaedificatam?».

⁶⁸ *Ibid.*, p. 99-100: «Constat ergo Christum esse semen Abrahami praecellens, in quod praecipue Deus intendebat oculos, dum haec promittebat, quamvis minus praecipue; Isaac quoque semen Abrahae minus praecipuum respiceret».

«Etenim passio illa sive immolatio Isaac, Christi passionem, immolationemque perspicue adumbrabat, cum Isaac videmus humeris ligna holocausti baiulantem, Christi typum clarissimum cernimus crucem suam humero ferentis».

⁶⁹ *Ibid.*, p. 100: «Populum Iudaicum reprobandum, gentium vero populum a Deo eligendum, typus Esau docet et Jacob».

⁷⁰ *Ibid.*, p. 100: «Iam vero lucta illa Angeli cum Jacob, Christi cum posteris eius Iudaeis colluctationem indicavit».

⁷¹ *Ibid.*, p. 101: «Celeberrima illa, totaque orbe decantata scala, quam Iacob dum peteret Mesopotamiam, vidit per quietem, optatissimam Verbi divini incarnationem nobis indicavit».

⁷² *Ibid.*, p. 101: «Post admirabilem visum Iacob expergefactus, lapidem quem exposuerat capiti, in titulum erexit, unxitque oleo (Gn 28,18); ea unctione Christum adumbravit, qui lapis est, quem aedificantes reprobaverunt, unctus autem oleo lactitiae prae consortibus suis; ab unctione enim Christi, id est, uncti nomen accepit».

⁷³ *Ibid.*, p. 101: Indicavit Iacob Christum, uncto lapide; «indicavit quoque Ecclesiam nomine; nam nomen urbis Bethel, id est, domum Dei appellavit. Bethel autem, id est, domus Dei, Ecclesia est, a Christo extracta, cuius ille fundamentum, lapisque angularis est».

⁷⁴ *Ibid.*: «Ad accipiendam vero uxorem, cum baculo Iacob ex patria in Mesopotamiam alienam regionem peregre profectus est, Christi ea in re typus (ut docet idem sanctissimus Pater sermone 80, de tempore) qui e caelo in orbem terrarum descendit, ut Ecclesiam sibi copularet».

- Lia e Raquel são tipos de dois povos: o povo judaico e o povo de origem pagã, tornado Povo de Deus⁷⁵.
- José, filho de Jacob, é tipo de Cristo⁷⁶.
- A escravidão dos Israelitas no Egípto e a libertação sob a chefia de Moisés, são figuras da sujeição ao demônio e da redenção realizada por Cristo⁷⁷.
- A sarça ardente, a mãe leprosa, a vara, a imolação dos cordeiros antes da saída do Egípto, a morte dos primogênitos dos Egípcios, a passagem do mar Vermelho, as colunas de nuvem e de fogo, o maná, a entrada na terra prometida são outros tantos tipos referidos a Cristo e à Igreja⁷⁸.
- A posse da terra prometida, através de muitas batalhas, é tipo da posse do céu, após as lutas e as vitórias dos cristãos⁷⁹.

2) Tipos na dimensão exegética do Novo Testamento

Interessa, neste momento, sobretudo destacar os tipos apontados por Sebastião Barradas, no contexto da exegese propriamente dita. Aí os tipos surgem explicitamente dentro da exegese literal do Novo Testamento ou com ela conexas.

Sebastião Barradas manifesta o propósito de colocar na sua exegese do Evangelho, como elemento essencial, a referência à interpretação espiritual do Antigo Testamento:

«Cum vero sigillatim de Christi gestis agemus quae in rem erunt Veteris Testamenti mysteria enucleare»⁸⁰.

⁷⁵ *Ibid.*: «Non unam tamen uxorem tantum, sed duos duxit Iacob, pro illius temporis facultate, Liam, atque Rachelem, quae duos adumbrarunt populos Christo coniunctos. Liam enim, id est, Indaeorum populum prius, quia Iudaei prius quam gentes in Christum crediderunt; Rachelem, id est, gentium populum, post Iudaeos Christus sibi adiunxit».

⁷⁶ *Ibid.*, p. 102: «Joseph filium Jacob, patri charissimum, Christi Dei Filii dilectissimi gessisse typum, nemo Christianus dubitare potest».

⁷⁷ *Ibid.*, p. 103: «In Exodo, Israelitarum sub Pharaonis iugo servitus e per Moysen deinde liberatio, humani generis sub diaboli tyrannide captivitatem et per Christum deinde redemptionem, adumbrat».

⁷⁸ *Ibid.*, p. 103-104.

⁷⁹ *Ibid.*, p. 104: «Denique post multa pericula, multasque de hostibus reportatas victorias, terram repromissam possederunt Hebraei; post multa discrimina, dimicationes, ductaque ex hoste trophaea, coelum promissum possident Christiani».

Verum non Moyses, sed Josue in terram promissam populum introduxit, quia non lex Mosaica, sed Jesus Christus homines potuit in caelestem patriam introferre».

⁸⁰ *Ibid.*, p. 95.

Os tipos que passo a apresentar referem-se, pois, à secção estritamente exegética, excluindo a introdução teológica, o tratado teológico sobre a Virgem Maria e as aplicações morais.

Os tipos declarados pelo Novo Testamento são manifestamente os mais explícitos e mais certos, porque fundamentados na iluminação do Espírito Santo, na declaração de Jesus e na descoberta dos Escritores inspirados.

Nos anúncios do Antigo Testamento em função dos tempos messiânicos, o nosso autor distingue entre realização típica e realização profética.

Em Mt 2,4-6 é afirmado que Miq 5,2 se refere a Belém e a Cristo, como profecia e não como através dum tipo:

«Sacerdotes et scribae Sacrae Scripturae periti, quos eam in rem Herodes convocavit, in opido Bethlehem nasciturum sapienter responderunt, idque Michaeae vaticinio comprobarunt»⁸¹.

A realização típica exige um tipo com as características já enunciadas, não sendo suficiente o cumprimento de palavras.

A tipo refere-se Cristo, quando se coloca em confronto com a serpente levantada por Moisés no deserto:

«Umbra haec Christi fuit, ut constat ex verbis eiusdem Domini: Sicut Moyses exaltavit serpentem in deserto, ita exaltari oportet filium hominis (Jo 3,14)»⁸².

O facto da libertação do cativeiro do Egipto é considerado como tipo do regresso de Jesus Menino do Egipto:

«De reditu Christi Filii Dei ex Aegypto in Judaeam vaticinatum Oseam ostendit Evangelista. Sic enim Deus loquitur: Ex Aegypto vocavi filium meum (Os 11,1). Quae verba sensu quidem litterali de populo Israelitico intelliguntur... Sensu sublimiori, qui sub litterae cortice latet, de naturali Dei filio Christo explananda esse, Divinus Spiritus Scripturarum auctor per Matthaenum docet»⁸³.

O que prescreve Ex 12,46 a respeito do cordeiro pascal é tipo de Cristo, crucificado na cruz:

⁸¹ *Ibid.*, p. 458.

Também interpreta em sentido literal profético a referência a Is 9,1, em Mt 4,15. Cf. *Commentaria*, t. 1, p. 304.

⁸² *Commentaria*, t. 1, p. 478.

⁸³ *Ibid.*, p. 493.

«Hunc in modum (ut alia omittam exempla) illud «os non confringetis ex eo» quod sensu litterali de Agno Paschali dictum, Joannes sensu praecellentiori atque arcano, de Christo dictum affirmat»⁸⁴.

O choro de Raquel em Rama é tipo das lamentações de dor das mães cujos filhos foram assassinados por Herodes:

«Vox in Rama audita est (Mt 2,18 e Jer 31,5). Hoc Testimonium extat apud Jeremiam. Duplicem continent sensum, alterum litteralem, alterum mysticum. Litterali de decem tribuum captivitate exponitur... Sensu mystico, de fletu foeminarum locus est interpretandus, quarum infantes ab Herodis satellitibus trucidati sunt. Tunc, ait Evangelista, impletum est quod multo antea Jeremias sensu arcano fuerat vaticinatus»⁸⁵.

A Epístola aos Hebreus manifesta que Salomão é tipo de Cristo, em Heb 1,5:

«Hunc filium pollicetur Deus Davidi per Natahanum vatem illis verbis: suscitado semen tuum post te, quod egredietur de utero tuo et firmabo regnum eius, ipse aedificabit domum nomini meo (id est, Ecclesiam), et stabiliam thronum regni eius, usque in sempiternum. Ego ero ei in patrem et ipse erit mihi in filium» (2 Sam 7,12-14). Quae verba duplicem continent sensum, alterum humiliores de Salomone, alterum sublimiores de Christo, quem nobis Paulus aperuit ad Hebraeos»⁸⁶.

O descendente de Abraão é tipo de Cristo, como é indicado por Paulo:

«Sic erit semen tuum, praecipue spiritale per fidem, sicut stellae coeli, quas vides innumerabiles. Fidem itaque de Christo habuit et in Christum Abrahamus, quae in illis quoque verbis maxime cernitur: In semine tuo benedicentur omnes gentes terrae. In semine tuo, id est, in Christo, ut Paulus interpretatur (Gal 3,16): Abrahæ, inquit, dictae sunt promissiones et semini eius, non dicit et in seminibus, quasi in multis, sed quasi in uno et semini tuo, quia est Christus»⁸⁷.

Muitos outros tipos são declarados no contexto exegético, tendo como fundamento a exigência do texto, compreendido em si mesmo ou dentro da visão que provém dos Santos Padres e da Igreja.

Sebastião Barradas considera, na sua perspicácia exegética, que Luc 2,34: (Et in signum cui contradicetur), estabelece a relação típica

⁸⁴ *ibid.*

⁸⁵ *Ibid.*, p. 496.

⁸⁶ *Ibid.*, p. 184.

⁸⁷ *Ibid.*, p. 188.

entre Cristo e o sinal da serpente do deserto. Contudo, Sebastião Barradas já conhece o valor típico da serpente, a partir das palavras de Cristo, Jo 3,14:

«Sensum maxime verissimilem praedictis, addam qui mihi in mentem venit. Alludit Simeon ad illud: Fac serpentem et pone eum pro signo, qui percussus aspexerit eum, vivet. Fecit ergo Moyses serpentem aeneum et posuit eum pro signo, quem cum percussi aspicerent, sanabantur (Num 21)»⁸⁸.

Vamos agora alargar a enumeração dos tipos, incluindo neles os pessoais e os reais dirigidos a significar Cristo e a Igreja.

Salomão⁸⁹; Isaac⁹⁰; Jacob e Esaú⁹¹; David⁹²; o Reino de Israel⁹³; Abigale⁹⁴; o maná⁹⁵; José e Sansão enquanto chamados Nazarenos⁹⁶; Rut⁹⁷; Rahab⁹⁸; trono de Davi⁹⁹; sacrifícios antigos¹⁰⁰; a circuncisão¹⁰¹; a unção dos reis¹⁰²; Josué e Jesus sumo sacerdote¹⁰³; Ester¹⁰⁴; Rebeca¹⁰⁵.

C. Valor provativo do sentido típico

Na exegese dos Evangelhos, qual o valor que Sebastião Barradas atribui ao sentido típico? A sua atitude perante o valor do sentido típico vem reforçar a sua concepção sobre a exegese.

⁸⁸ *Ibid.*, p. 477-478.

Em p. 130, Sebastião Barradas considera tipo de João Evangelista a águia descrita em Ez 17,3-4: «Quem mihi Aquila illa adumbrat grandis, magnarum alarum, longo membrorum ductu, plena plumis et varietate... Literali sensu, babilonicus Rex significatur, qui alas habuit magnas, id est, copias magnas, magnum exercitum... Sensu autem spirituali Joannes designatur. Est enim ille Aquila grandis magnarum alarum, quae ad altissimum montem Libanum, hoc est, caelum evolavit...».

⁸⁹ *Ibid.*, p. 184; 194.

⁹⁰ *Ibid.*, p. 189.

⁹¹ *Ibid.*, p. 190.

⁹² *Ibid.*, p. 211; 402; 421.

⁹³ *Ibid.*, p. 378; 416.

⁹⁴ *Ibid.*, p. 364.

⁹⁵ *Ibid.*, p. 409; 410.

⁹⁶ *Ibid.*, p. 497.

⁹⁷ *Ibid.*, p. 183.

⁹⁸ *Ibid.*

⁹⁹ *Ibid.*, p. 336.

¹⁰⁰ *Ibid.*, p. 370.

¹⁰¹ *Ibid.*, p. 428; 430.

¹⁰² *Ibid.*, p. 431.

¹⁰³ *Ibid.*, p. 432.

¹⁰⁴ *Ibid.*, p. 308.

¹⁰⁵ *Ibid.*, p. 387.

De base, a posição do nosso autor está definida desde as páginas introdutórias, quando declara a sua intenção de procurar determinar antes de tudo e sobretudo o sentido literal. Somente em seguida e a partir daí, procurará descobrir o que tem relação com a edificação dos costumes:

«Itaque litteralem in primis sensum perscrutabor, parerga aliqua adiungam, ad mores componendos moralia addam. Nam morum compositio ut maxime est necessaria, ita ex Scripturae divinae lectione maxime depromenda»¹⁰⁶.

Esta posição inicial significa que o nosso autor dá valor total ao sentido literal no Novo Testamento. Significa também que o sentido literal é considerado superior ao espiritual no Novo Testamento.

Porquê é superior o sentido literal no Novo Testamento?

É superior porque o sentido literal do Novo Testamento exprime a acção de Cristo directamente que inclui e realiza os tipos anunciadores do Antigo Testamento. Cristo na sua existência coloca em segundo plano os anúncios típicos, como o sol, ao chegar, elimina a sombra que o anuncia. Como o sol é superior à sombra assim Cristo é superior aos tipos, assim o sentido literal é superior ao espiritual:

«Quemadmodum enim cum ad umbram pervenit sol, umbra evanescit, ita postquam ad Legem observandam, quae umbra erat futurorum (Heb 10,1), iustitiae sol Christus pervenit, Lex evanuit»¹⁰⁷.

O sentido literal inclui e manifesta o sentido espiritual. Por esta razão, o nosso autor quando procura nos Evangelhos o sentido literal, descobre, ao mesmo tempo, o sentido espiritual do Antigo Testamento.

Mais uma vez, aí vemos o motivo porque Sebastião Barradas, ora afirma que se propõe investigar o sentido literal, ora afirma que procurará os sentidos autênticos, isto é literais, e ao mesmo tempo os escondidos, isto é, os espirituais:

«Ad reconditos germanosque sensus»¹⁰⁸.

¹⁰⁶ *ibid.*, p. V.

¹⁰⁷ *Ibid.*, p. 428.

¹⁰⁸ *Ibid.*, p. 1.

Esta posição refere-se somente ao sentido espiritual no Novo Testamento, pois que quanto ao Antigo Testamento, o sentido superior e mais sublime é o espiritual:

«Os non confringetis ex eo (Ex 12,46), quod sensu litterali de Agno Paschali dictum est, Joannes sensu praecellentiori atque arcano de Christo dictum affirmat»¹⁰⁹.

No Antigo Testamento, contrariamente ao que acontece no Novo Testamento, são os sentidos espirituais que têm mais importância e devem ser atentamente destacados e retidos, como perenes e continuados em Cristo.

No Antigo Testamento, o sentido literal passou, porém permaneceu o espiritual. Passou o sentido literal, sempre que não se refere a Cristo directamente, enquanto profecia:

«Litteralis Legis observatia interiit, spiritalis tamen intellectus vivit.

Cujus rei typus extat hujusmodi: si ambulans per viam, in arbore vel in terra, nidum avis inveneris et matrem pullis vel ovis, desuper incubantem, non tenebis eam cum filiis, sed abire patieris, captos tenens filios, ut bene sit tibi et longo vivas tempore (Deut 22,6-7).

Altissima arbor et ad coelum usque pertingens, sacra est Scriptura. In ea multi reperiuntur nidi, in quibus mater, id est, litteralis observatia, pullis, id est, spiritalibus incubat sensibus; dimittenda mater, pulli capiendi. Ita hunc locum Angelicus Doctor explanat, in prima secundae, quest. 102, art. ult.»¹¹⁰.

Visto o seu valor no Novo Testamento, o intérprete deve procurar, sempre e acima de tudo, o sentido literal:

«Rectum explanationis litteralis cursum teneat necesse est Sacrarum interpres litterarum»¹¹¹.

Sebastião Barradas compara o sentido literal ao ouro e as interpretações literais a bens de sumo valor que dignificam a Igreja.

Deve ser pois sobre o sentido literal que devem versar as pregações públicas e as argumentações das disputas:

«Ad Ecclesiae ornamentum monilia promittuntur aurea, argenti punctis, sive vermiculis, distincta: Murenulas aureas faciemus tibi, vermiculatas argento. (Cant 1,10-11).

¹⁰⁹ *Ibid.*, p. 493. Cf. p. 40; 134; 188.

¹¹⁰ *Ibid.*, p. 437.

¹¹¹ *Ibid.*, p. 150.

Quis vero neget aureas Scripturarum interpretationes aurea esse monilia quibus Ecclesiae collum, ex quo divinae conciones et disputationes effunduntur, maxime exornatur?»¹¹².

D. Sentido espiritual por acomodação

O que acabo de expôr refere-se ao sentido espiritual específico, isto é, ao sentido espiritual propriamente dito. O que fica dito refere-se igualmente ao sentido espiritual do Antigo Testamento, enquanto é manifestado pelo seu sentido literal do Novo Testamento. Vimos que o sentido espiritual específico está presente de forma dominante, mas não de forma absoluta na totalidade do Antigo Testamento. Foi definida a natureza do sentido espiritual:

- Pessoas, coisas e acontecimentos com existência histórica;
- Realidades que têm referência a Cristo e à Igreja;
- Ordenação típica conhecida somente por Deus;
- Referência típica desconhecida do autor humano, em princípio;
- Fundamentação no sentido literal.

Conhecida a natureza do sentido espiritual, para chegar à determinação certa dos casos concretos de sentido espiritual, é necessário proceder através de critérios discernitivos:

- A indicação da luz do Espírito Santo;
- A declaração de Jesus Cristo;
- A afirmação dos Escritores do Novo Testamento;
- A proposta dos Santos Padres;
- A descoberta pela Igreja.

A partir da natureza do sentido espiritual e dos critérios discernitivos, Sebastião Barradas apresenta um grande número de tipos. Considerei os tipos segundo dois ângulos de visão: os tipos, em perspectiva teológica e os tipos na dimensão exegética do Novo Testamento.

Finalmente, procurei saber qual o valor que Sebastião Barradas atribui ao sentido típico da Sagrada Escritura.

¹¹² *Ibid.*

Sebastião Barradas, ao apresentar o sentido espiritual, exprime sobretudo o conceito específico de sentido espiritual, na linha do que afirmou no início do Tomo I:

«Sensus vero alegoricus peculiari modo dicitur, cum res historice significatae significant alias quae pertinent ad statum novae legis vel Ecclesiae militantis»¹¹³.

Mas o nosso autor não fica circunscrito ao conceito específico de sentido espiritual, pois avança para um conceito mais largo e genérico, em que se procede por acomodação, não só das «coisas» mas também das palavras.

1) *Acomodação das «coisas»*

A preparação do manjar levado por Jacob ao pai Isaac com intervenção da mãe Rebeca e a preparação do manjar somente por Esaú, são figura da intervenção da Igreja na determinação do sentido da Escritura:

«Paravit Rebecca cibos, sicut velle noverat patrem (Gn 27,14). Coquendos haedos ad matrem Rebeccam Iacob attulit: cibos non Jacob, sed mater paravit. Quomodo vero paravit? Ut velle noverat Isaac. Similem in modum, probus Christianus, mensae, id est, Scripturae Sacrae cibos, ad matrem suam, ad Rebeccam suam (pinguedinem hebraeum nomen sonat) ad Ecclesiam, divino Sapiaentia dono impiguatam, coquendos et extenuandos affert... Illa (Ecclesia) verbi divini dulces epulas ita parat, sicut verum Isaacum Christum velle novit, illa Scripturas ex divina voluntate, scientiaque interpretatur, illa rescisso velo, in Sancta Sanctorum, id est, intimos Sacrae paginae sensus penetrat.

Paravit Esau patri cibos et benedictionem amisit; paravit Jacob cibos matris opera et sensu et praeclaram sibi benedictionem comparavit. Parant sibi haeretici, atque Judaei superbo sensu, ex Scripturis impie intellectis pravos haeticosque sensus et aeternam sibi maledictionem pariunt; parant Rebecca, id est, Ecclesiae obedientes filii, matris suae sensu, catholicos sensus et aeternam benedictionem consequuntur»¹¹⁴.

Em Jos 5,2, Deus manda circuncidar os filhos de Israel com facas de pedra. Nestas facas de pedra é vista uma figura de Cristo, pedra totalmente penetrante, pelo qual circuncidamos os nossos vícios:

¹¹³ *Ibid.*, p. 13.

¹¹⁴ *Ibid.*, p. 387.

«In illa vero generali ac praecipua circuncisione de qua agitur Josue 5, lapideis cultris praecepit Deus fieri circuncisionem, ut Christum, qui lapis est acutissimus, cujus exemplo vitia nostra circuncidimus, obumbraret»¹¹⁵.

Tipo, por acomodação, ou melhor por aplicação, com referência aos cristãos, particularmente, aos religiosos, quanto à sua maneira de viver, é encontrado pelo nosso autor nos homens e mulheres que no Antigo Testamento faziam o voto de nazareato (Num 6):

«En habes nostri temporis religiosorum tenuem quandam umbram. Voto se obstringebant Nazaraei: votis se obstringunt religiosi. Nazarei dicebantur, hoc est, segregati; religiosi quoque segregati a populo, populique vitiis et moribus sunt. Illi a vino et sicera abstinebant: hi abstinent a mundi voluptatibus, quae vini instar hominem a mentis statu obumbraret»¹¹⁶.

2) Acomodação das palavras

Certos factos e realidades são assumidos com força anunciadora de outros factos e realidades, em base duma acomodação e não em base de uma referência assegurada pela natureza e pelos critérios dos verdadeiros tipos.

Além dos factos, também as palavras recebem um sentido espiritual lato.

Primeiramente, recebem este sentido espiritual lato as palavras ligadas aos factos, mesmo quando estes factos são considerados em si mesmos, antes da sua consignação por escrito. Neste momento da consideração das «coisas» em si mesmas, as palavras são tomadas na mesma perspectiva teológica que as próprias coisas.

Este sentido espiritual lato das palavras está presente na secção teológica de Sebastião Barradas, duma maneira dominante¹¹⁷.

Em segundo lugar, recebem este sentido espiritual palavras que acompanham os factos considerados típicos, na exegese propriamente dita dos textos.

Os factos referidos em Gn 15,5-6 (promessa de descendência) e em Gn 22,16-17 (promessa da multiplicação da descendência após a obediência de Abraão a Deus que lhe manda sacrificar Isaac) têm um

¹¹⁵ *Ibid.*, p. 430.

¹¹⁶ *Ibid.*, p. 498-499.

¹¹⁷ *Ibid.*, p. 1-129; 263-314.

sentido típico. Todas as palavras que exprimem os factos são entendidas na mesma dimensão típica ou espiritual, como as palavras: estrelas e areia:

«Respondetur coninctam fuisse fidem de Christo cum fide de multiplicando semine, per Christum enim erat multiplicandum semen spiritale, per Isaac carnale...

Credidit, inquam, Abraham Deo pollicenti seminis multiplicationem, maxime spiritalis per Christum; de semine enim spiritali verba haec interpretanda ex Paulo colliges (Rom 4,17).

Sed totius promissionis verba exponamus. «Per memetipsum iuravi, dicit Dominus...» (Gn 22,16-17). Summi momenti promissio haec est, cui Deus addit iuramentum et quidem ita est. Quid enim maioris unquam momenti fuit, quam Verbi incarnatio? ... De Christo sensu sublimiori haec intelligenda sunt, ut Origines intellexit... multiplicavit Deus semen Abrahami, id est, Christum, sicut stellas caeli et velut arenam. Ex Christianis enim, qui a Christo spiritalem originem ducunt, quidam stellis caeli similes evadunt, quorum cum Paulo conversatio caelis est, terreni alii, aridi, infaecundi, merito cum arena conferuntur»¹¹⁸.

Em terceiro lugar, a dimensão espiritual é atribuída às palavras, mesmo quando não estão coladas a factos verdadeiramente típicos.

O nosso autor interpreta em sentido literal as palavras de Eccl 11,1-2:

«Litteralis sensus de pauperibus est. Mitte, ait Salomom, panem tuum super transeuntes aquas, quia post tempora multa invenies illum. Da partem septem nec non et octo, hoc est, semina in terra irigua, id est, in pauperibus, quia post multa tempora copiosam gloriae segetem demetest Da partem, id est, eleemosynam septem pauperibus et octo etiam, hoc es. quibuscumque poteris»¹¹⁹.

Além do sentido literal, o nosso autor descobre um sentido espiritual, seguindo S. Jerónimo, no número sete e no número oito: o sete figura o Antigo Testamento; o oito figura o Novo Testamento:

«Hieronymus, Ezech. 40, post septem, octonarius ponitur numerus, ut de Synagoga ad Ecclesiam, de veteri instrumento ad novum, de terrenis ad caelestia transeamus.

Et illa verba: Da partem septem, nec non et octo... de Novo, veterique Testamento exponit. Praecipitur, ait, ut in utrumque

¹¹⁸ *Ibid.*, p. 118.

¹¹⁹ *Ibid.*, p. 434.

instrumentum, tam vetus quam novum, pari veneratione credamus Iudaei dederunt partem septem, credentes Sabbathum, sed non dederunt partem octo, resurrectionem diei dominicae denegantes. Ita Hieronymus¹²⁰.

Explicando a saudação angélica, Sebastião Barradas atribui um sentido espiritual a palavras do Antigo Testamento: Eccl 39,27 e Gen 49,26:

«Congruit sane Virgini illud: Benedicto illius, id est, Dei, quas fluvius inundavit. Nam quemadmodum Nilus inundans, terram omni ex parte irrigat, aquisque operit, ita Dei benedictio, hoc est gratia, ac dona, omni ex parte Virginem irrigavere ac operuere.

«Benedictiones Patris tui (ait Jacob filium Ioseph alloquens) confortatae sunt benedictionibus patrum eius» (Gen 49,26). Haec Jacob, quae nos Virgini rectissime accommodabimus¹²¹.

II. O SENTIDO ESPIRITUAL PROSPECTIVO

Acabei de apresentar uma acepção de sentido espiritual dos Evangelhos: a realização nos Evangelhos das pessoas, coisas e instituições do Antigo Testamento, enquanto essa realização é declarada pelo sentido literal. Este é o sentido espiritual do Antigo Testamento, manifestado nos Evangelhos.

Aludi antes a uma outra dimensão do sentido espiritua: o sentido transcendente da Pessoa de Jesus Cristo, compreendido como «*maxima res*», na sua totalidade histórica e misteriosa. Este é o sentido espiritual teológico.

¹²⁰ *Ibid.*

¹²¹ *Ibid.*, p. 334.

A Igreja acomoda palavras ao mistério que celebra na liturgia, como acontece com Sl 18,14 em referência ao nascimento de Cristo e sua celebração. «Quamobrem Ecclesia post noctem mediam sacra facit, sequentemque diem, ad quem nox pertinent, festum agit. Praeterea verba Sapientiae accommodate ad hoc mysterium transfert: Cum quietum silentium continent omnia et nox in suo cursu medium iter haberet, omnipotens sermo tuus de caelis a regalibus sedibus venit». Sl 18,14. *Ibid.*, p. 399.

Citando o Cardeal Hugo, acomodam-se as palavras de Gn 15,16 para significar a quarta geração da humanidade, isto é, a geração de Cristo: «Salutem ergo [omnibus generationibus] attulit quarta haec generatio, cui Cardinalis Hugo accomodat illud: generatione quarta revertentur huc (Gn 15,16). Generatione quarta reversi sunt filii Abrahami in Palestinam e captivitate Aegyptiaca liberati; per generationem quoque quartam, ut est explicatum, filii Adami reducti sunt in gratiam Dei, a Daemonis servitute in libertatem asserti». *Ibid.*, p. 186.

Estas duas dimensões de sentido espiritual explicam já a posição inicial de Sebastião Barradas:

propõe-se fazer uma exegese de sentido literal¹²², não considerando, portanto, o sentido espiritual;

reconhece a existência do sentido espiritual na Sagrada Escritura, portanto, também nos Evangelhos.

O sentido espiritual existe nos Evangelhos, enquanto foi a compreensão do mistério de Jesus Cristo que foi descrita e enquanto o sentido espiritual do Antigo Testamento é revelado no Novo Testamento.

Mas sendo este sentido espiritual revelado ou comunicado pelo sentido literal, basta compreender o literal para entrar dentro do espiritual. Por isso, Sebastião Barradas propõe-se investigar nos Evangelhos somente o sentido literal. Este sentido literal manifesta o sentido espiritual. Trata-se, sem dúvida, duma aceção de sentido espiritual amplo e indirecto.

Agora, é necessário dar um passo em frente.

Além deste sentido espiritual do passado, manifestado pelo sentido literal, haverá um sentido espiritual do futuro, oculto no sentido literal? Haverá nos Evangelhos o sentido espiritual directo, propriamente dito, enquanto as pessoas, as coisas, as instituições descritas escondem um valor figurativo anunciador do futuro de Jesus Cristo e da Igreja, do futuro dos cristãos e das realidades escatológicas?

A resposta, afirmativa ou negativa, a esta questão terá em conta a atitude inicial de Sebastião Barradas: fazer somente uma exegese de sentido literal e, ao mesmo tempo, afirmar a existência do sentido espiritual na Sagrada Escritura.

É, pois, a questão do sentido espiritual directo e propriamente dito que nos ocupa, ao analisarmos o tipo de exegese desenvolvida pelo nosso autor.

¹²² *Ibid.*, p. V.

A. A terminologia

A procura da posição do nosso autor, quanto a este problema do sentido espiritual do Novo Testamento, deve começar por ter em conta a variedade de nomes usados para exprimir o sentido espiritual.

Este nosso estudo tem presente o elenco dos vários nomes: espiritual, psíquico, interno, oculto, mais sublime, alegórico, sombra, exemplar, parábola, tipo, antitipo, tropológico e anagógico.

Entre estes termos, sobressaem, como mais usados, os seguintes: espiritual, alegórico, místico e típico. Estes quatro termos reduzem-se verdadeiramente a dois: espiritual-alegórico-místico e espiritual-típico.

O primeiro grupo de nomes exprime toda a significação superior dos factos do Antigo e Novo Testamento, em referência à doutrina e aos costumes dos cristãos. O segundo grupo exprime a significação superior dos factos do Antigo Testamento em referência a Cristo e à Igreja, no Novo Testamento.

Estas acepções são conhecidas no tempo de Sebastião Barradas, como é testemunhado pelo *Tractatus de Sensibus Sacrae Scripturae*, de Frei Luis de Leão, de 1581. Aí Frei Luis de Leão apresenta a opinião de certos autores e a sua própria opinião. Certos autores consideram alegoria todo o facto do Antigo e Novo Testamento com um valor significativo, em relação à doutrina e ao comportamento da vida. O tipo é todo o facto do Antigo Testamento que anuncia ou figura outro facto do Novo Testamento¹²³.

Para Frei Luis de Leão, a alegoria é um género que abrange toda a significação das coisas e, em particular, a significação das coisas em referência aos costumes. O tipo é o facto do Antigo Testamento que prefigura o que acontecerá em Cristo e na Igreja¹²⁴.

¹²³ «Adverte quod quidam distinguunt inter typum et allegoriam, ita ut typus seu figura, nam hoc nomine vocem typi efferunt interpretes, sit cum factum aliquid accersitur e Veteri Testamento idque ostenditur praesignificasse sive adumbrasse aliquid gerendum in Testamento Novo.

Allegoria vero sit, cum aliquid sive ex Veteri sive Novo Testamento exponitur in sensu Spirituali et accomodato ad doctrinam sive ad vitae institutionem». *Tractatus de Sensibus Sacrae Scripturae*, publicado, por O. GARCIA DE LA FUENTE, *Un tratado inédito y desconocido de Fray Luis de León sobre los sentidos de la Sagrada Escritura*, in «La Ciudad de Dios», 170 (1957), p. 320.

¹²⁴ *Ibid.*, p. 320-321: «Figuram quidem, sive factum, quod adumbrat ea quae pertinent ad Novum Testamentum typum dici maxime proprie... Est ergo typus peculiaris quaedam ratio allegoriae, quae accidit quando aliquod factum Veteris Testamenti praefigurat et depingit id quod in Christo et eius Ecclesia gerendum erat; quo fit ut typus pertineat ad Christum vel Ecclesiam universam; allegoria vero pateat latius et accomodetur nostris personis et actionibus. Dico tamen... falsum esse quod typus pertinent ad sensum litteralem, sed pertinet ad spiritualem, et generali nomine, hac ratione, dicitur et est allegoria».

Fundamentalmente, Frei Luis de Leão, assume a mesma acepção que os autores do seu tempo, mas com uma nuance: o tipo é situado no Antigo Testamento e refere-se a Cristo e à Igreja; a alegoria é situada quer no Antigo Testamento quer no Novo Testamento e refere-se aos costumes, em força mesmo da acomodação de factos e palavras. Frei Luis de Leão estabelece relação somente aos costumes.

A concepção dos autores do século xvi vem já dos Santos Padres, como constata Angelo Penna¹²⁵. Com efeito, os Santos Padres destacam factos reais da história bíblica do Antigo Testamento que contêm um sentido superior verificado no Novo Testamento, mas também adaptam episódios e palavras para propôr uma moral elevada e para iluminar os dogmas cristãos.

A concepção de Frei Luis de Leão é mais restritiva, pois refere-se somente aos costumes.

A primeira operação sobre os factos extrai o sentido típico; a segunda operação descobre o sentido espiritual, em dimensão larga.

Apesar desta distinção, a terminologia é confusa e ambígua.

Sebastião Barradas, está dependente da terminologia dos Santos Padres e da terminologia do seu tempo. Usa a palavra tipo com várias acepções. Dá-lhe a acepção estrita: facto do Antigo Testamento que anuncia factos de Cristo e da Igreja. Assim, Cristo como Nazareno é anunciado nos tipos constituídos por personagens do Antigo Testamento: José e Sansão. Deste modo se poderia explicar Mt 2,23:

«Ostenditur Christum dictum esse Nazaraeum a prophetis id, est, in propheticis scripturis, sensu mystico et in typis. Nam Ioseph Nazaraeus dicitur a patre Jacob et a Mose similiter vocatur Nazaraeus. Sampson appellatur ab Angelo Nazaraeus: hi vero umbrae et prophetici quidam typi fuere Christi. Sensu literali illi Nazaraei vocantur, sensu arcano vocatur Christus»¹²⁶.

O tipo é antes de tudo, uma «res» do Antigo testamento que indica Cristo. A «res» do Antigo Testamento é figura, é imagem, é sombra.

¹²⁵ *Principi e Carattere dell'esegesi di S. Gerolamo (scripta Pontificii Instituti Biblici, 102)*, Roma, 1950, p. 93-94. «Ma non è lecito sorvolare sul fatto che difficilmente se possono ridurre tutte le interpretazioni offerte dai Patri, oltre quella letterale, al vero senso tipico, com è inteso nei moderni trattati di Ermeneutica. Quelli, infatti, spesso non intendevano sfruttare gli antichi episodi della storia ebraica come «tipi» reali della verità presentate come parte di un'esegesi superiore, ma solo adattavano un episodio od una massima biblica per inculcare principi di alta morale o per illuminare articoli del dogma cristiano. Tal sistema naturalmente, fu proprio anche di Gerolamo. Il loro senso spirituale, nella sua forma più ampia, e quello tipico, di cui si interessano di solito gli esegeti moderni, si possono distinguere come il genus e la species».

¹²⁶ *Commentaria*, t. 1, Tomus I, p. 497.

Cristo no Novo testamento é a verdade anunciada pela figura, pela imagem e pela sombra.

A palavra tipo, em sentido estrito, é sinónimo de: figura, imagem e sombra:

«Obtulit Virgo par turturum vel duos pullos columbarum; non obtulit agnum, quae ditiorum erat hostia, quoniam pauperem vitam debebat. Non obtulit agnum et obtulit agnum. Non obtulit agnum typicum, sed obtulit agnum verum; non obtulit imaginem, sed rem imagine indicatam; non obtulit umbram, sed ipsam lucem»¹²⁷.

Além desta acepção estrita, a palavra tipo tem outras acepções, na linha da alegoria. Esta transposição vem já do tempo dos Padres e tem origem em S. Paulo. Este, em Gal 4,24, chama alegoria ao tipo do Sinai e de Agar; os Padres, por seu lado, chamam tipo a toda a espécie de alegoria, em dimensão alargada¹²⁸.

Sebastião Barradas usa a palavra tipo para caracterizar os pastores de Belém na sua referência aos Bispos e aos Sacerdotes. Aqui a palavra tipo pode significar duas coisas: pessoas do Novo testamento que anunciam outras também do Novo Testamento; ou simplesmente pode significar que os pastores são exemplares a imitar pelos bispos e sacerdotes.

«Ut haec pax hominibus obveniat, duplex contulit Deus protectorum genus, caeleste, alterum terrestre. Caelestes hominum protectores Angeli sunt, terrestres sunt animarum pastores. Utrumque genus Evangelium hoc ante oculos ponit. Nonne vides militiam caelestem? acta, inquit, est cum Angelo multitudo militiae caelestis (Luc 2,13). Nonne pastores aspicias vigilantes super gregem suum? Typus pontificum sunt ac sacerdotum»¹²⁹.

O nosso autor atribui ainda à palavra tipo a acepção de metáfora, isto é, de figura de linguagem. Trata-se sempre do alargamento da palavra tipo a outros campos mais vastos que a acepção estrita.

¹²⁷ *Ibid.*, p. 485.

Sebastião Barradas cita S. Leão, em referência ao verdadeiro Cordeiro e ao cordeiro típico:

«Fugit autem agnus verus in Aegyptum in qua illius typus, paschalis olim agnus immolatus praecesserat, ne sine illa regione (ait D. Leo, Sermone 3, de Epiphania) pararetur singularis hostiae Sacramentum, in qua occisione agni, salutiferum crucis signum et pascha Domini fuerat efformatum». *Ibid.*, p. 500.

¹²⁸ «La confusine, che si nota nei Padri, fra il tipo e l'allegoria è dovuta specialmente, all'espressione paolina, la quale dichiara che gli episodi del Sinai e di Agar sono ἀλληγοροῦμενα ossia «allegorizzati» o racconti che racchiudono un significato allegorico (Gal 4,24)»: A. PENNA, *Principi e Carattere*, p. 129.

¹²⁹ *Commentaria*, t. 1, p. 42 B.

Por vezes, a palavra tipo ou a palavra correspondente «*adumbrare*» significam a referência de símbolo ou sinal:

«Annus item est gratiae corona decoratus. Eius autem ubertatem spiritalem sub typo rerum corporearum vates depinxit: quemadmodum et Joel 2,23-24: Filii, inquit, Sion, exultate in Domino Deo vestro, quia dedit vobis Doctorem iustitiae (id est, Christum) et descendere faciet ad vos imbrem matutinum et serotinum, sicut in principio et implebuntur areae frumento et redundabunt torcularia vino et oleo»¹³⁰.

É vista uma relação entre o céu aberto e a descida duma pomba e os dois principais efeitos da ação de Jesus Cristo: a abertura do céu e a dádiva do Espírito Santo. Esta relação exprime-se por um símbolo ou sinal e não por uma figura típica:

«Quid illa caelorum patefactio in Christi baptisate? Quid illa columbae, Spiritum Sanctum designantis, adulatio? Nonne duos praecipuos Christi effectus, caelorum, scilicet, reserationem et Spiritus Sancti largitionem adumbrarunt»¹³¹.

B. A existência do sentido típico no Novo Testamento

A resposta ao problema da existência do sentido espiritual no Novo Testamento deve ter em consideração o seu conceito e a terminologia usada.

1. Segundo o conceito restrito

Falando do sentido espiritual-típico, vimos que o conceito é restrito. É o sentido presente em pessoas, coisas e acontecimentos com existência histórica no Antigo Testamento, que têm referência a Cristo e à Igreja, por uma ordenação conhecida somente por Deus, desconhecida pelo autor humano, com fundamento no sentido literal. Este sentido está presente somente no Antigo Testamento. A ele compete propriamente o nome do sentido típico, ainda que possa receber outros nomes.

¹³⁰ *Ibid.*, p. 20.

¹³¹ *Ibid.*, p. 8.

O nosso autor expõe como princípio geral que as sombras e os tipos pertencem ao Antigo Testamento e que o Novo Testamento lhes trouxe a iluminação e o esclarecimento, pelo facto de conter Cristo:

«Novum Testamentum totius gratiae fontem continet Christum; ab illo Vetus gratiam hausit. Caelum elementorum tenebras illuminat; Novum Testamentum Veteris umbras typosque illustrat. Hoc caelum id est, Novum Testamentum, astris distinctum clarissimis, ut cum David loquar, enarrat gloriam Christi et opera manuum eius annuntiat hoc firmamentum»¹³².

Cristo é a grande realidade que projectou a sua sombra sobre o Antigo Testamento. Chegado Cristo, são explicadas as sombras anteriores e não há, por isso, razão para surgirem novas sombras em referência a Cristo, pois Ele contém a luz total:

«Testamentum Vetus umbra fuit et typus Novi, quod testatur Paulus cum Legis ritus umbram vocat, corpus autem, quod ab hac umbra indicabatur, Christi esse affirmat: Quae sunt, inquit (Col 2,17) umbra futurorum, corpus autem Christi. Similiter ad hebraeos 10,1: Umbram, ait, habuisse legem futurorum bonorum»¹³³.

Cristo foi o fim de toda a promessa e toda a lei antiga, como o fruto é o fim da semente e das flores. O Novo Testamento contém o perfeito acabamento e toda a verdade. Não há, pois, lugar para sombras ou tipos, no Novo Testamento:

«Novum Testamentum est finis Veteris; propterea enim datum est Vetus, ut viam muniret ad Novum; unde illud Pauli: Finis legis Christus (Rom 10,4). Quemadmodum fructus finis est tam seminis quam florum ita Christus finis fuit, tam promissionis, quam legis antiquae, quia promissionis et legis, veluti seminis et florum, Christus fructus fuit...

Praeperterea finis fuit Testamentum Novum Veteris, quia hoc ab illo impletum ac perfectum est...

Fuit item finis Testamentum Novum Veteris Testamenti, quia Vetus Testamentum, ut supra ostendimus, fuit umbra Novi, Novum autem Testamentum fuit veritas Veteris, iuxta illud (Jo 1,17): Lex per Moysen data est, (videlicet, veluti umbra, quae gratiam largiri vi sua non poterat), gratia et veritas per Jesum Christum facta est»¹³⁴.

¹³² *Ibid.*, p. 1.

¹³³ *Ibid.*, p. 11.

¹³⁴ *Ibid.*, p. 18-19.

2. Segundo o conceito lato

No Novo Testamento não há, pois, tipos de Cristo e da Igreja, em sentido próprio. Todos os tipos messiânicos estão contidos no Antigo Testamento.

No Novo Testamento, podem existir tipos, mas impropriamente ditos. Existem tipos, em sentido lato, ou, mais exactamente, existem alegorias, figuras, imagens ou exemplares, quanto a etapas posteriores da existência de Cristo ou da Igreja.

Existem, sobretudo, exemplares quanto à vida dos cristãos no tempo e na eternidade.

Quando Sebastião Barradas fala de valor típico a respeito de certos factos ou pessoas do Novo Testamento, está já dentro dum âmbito largo do conceito de tipo e está dentro duma flutuação imprecisa da terminologia.

Sebastião Barradas, citando S. Ambrósio em In Lucam Lib. 2, considera que Zacarias é tipo do Povo Judaico. Aqui a palavra tipo não significa um facto anunciador doutro facto futuro, mas significa sinal ou imagem. Zacarias é sinal do que acontecia com o Povo, ao chegar o Messias anunciado:

«Ambrosius Zachariam populi typum gessisse ait. Typus, inquit, populi Zacharias fuit. Hoc ergo illius silentium, silentium Iudaici sacerdotii adumbrat. Silent iam Iudaeorum sacerdotes, silent sacrificia, silent templi cantus, muta sunt omnia. Si quis illorum cantus est, ille est Psalmi (136,2): Suspendimus organa nostra. Nutibus loquitur Zacharias, nutibus id est typis, loquitur Iudaeorum sacerdotium. Quae enim de illo scripta in divinis Scripturis extant, Christum et Ecclesiam, ut nutus quidam, recte intelligentibus innuunt et indicant»¹³⁵.

O nosso autor afirma que Israel, dando à luz um filho, na sua esterilidade, é sombra, isto é, tipo da Igreja que, embora estéril, dá à luz muitos filhos, enquanto a Sinagoga, sendo fecunda, se torna estéril. Aqui Isabel é, de alguma maneira exemplar para a Igreja:

«Sterilis autem Elisabethae partus ille, quo non surrexit maior inter natos mulierum, sterilis Ecclesiae partum admirabilem adumbrat, quo non surrexit maior. Multo enim maior fuit Ecclesiae partus, quam Synagogae, unde illud: Lauda sterilis, quae non parit, decanta laudem, et hinni quae non pariebat, quoniam multi filii desertae, magis quam eius quae habet

¹³⁵ *Ibid.*, p. 322.

virum (Is 54,1). Et: sterilis peperit plurimos et quae multos habebat filios, infirmata est (1 Re 2,5). Sterilis Ecclesia peperit; faecunda Synagoga parere desiit»¹³⁶.

Noutros lugares, Sebastião Barradas, nem utiliza a palavra tipo, nem pretende destacar um facto anunciador de futuro, mas simplesmente pretende atribuir um valor de sinal.

Citando S. Agostinho, o nosso autor vê um sinal da glorificação de Deus e da humilhação do homem no facto de Cristo ter nascido, quando os dias crescem, e S. João Baptista ter nascido quando os dias diminuem:

«De Joannis nativitate dicamus quae in mensem Junium feliciter incidit, non sine mysterio, ut Augustinus tradit homil. 2 de Nativitate Joannis. Humilietur, inquit, homo, ut exalter Deus, secundum illud, quod de Domino Joannes dixit: Illum oportet crescere, me autem minui (Jo 3,30). Ut humiliaretur homo, hoc die natus est Joannes, quo incipiunt decrescere dies; ut exaltetur Deus, eo die natus est Christus, quo incipiunt crescere dies»¹³⁷.

Por vezes, o facto é apresentado somente como termo de comparação. Não há, nestes casos, a intenção de afirmar qualquer valor típico. Isto acontece quando, por exemplo, se vê no anjo que assiste Zacarias uma indicação de que também um anjo assiste os sacerdotes da Nova Aliança quando oferecem o sacrifício eucarístico:

«Astitit Zachariae sacerdoti, thymiama offerenti Angelus. Astat quoque Legis Novae sacerdotibus augustissimum Deo offerentibus sacrificum, ut docet Ambrosius, hoc loco. Utinam, inquit, nobis quoque adolentibus altaria, sacrificium deferentibus, assistet Angelus; immo praebeat se videndum. Non enim dubites assistere Angelum, quando Christus assistit, quando Christus immolatur»¹³⁸.

Tendo presente o conceito exacto de sentido espiritual-típico, este não existe no Novo Testamento. Não há tipos messiânicos no Novo Testamento, pois devem ser situados exclusivamente no Antigo Testamento.

Mesmo quando é usada a palavra tipo em referência a «res» do Novo Testamento, não há afirmação de verdadeiros tipos, pois a terminologia é flutuante e imprecisa.

¹³⁶ *Ibid.*, p. 365.

¹³⁷ *Ibid.*, p. 364.

¹³⁸ *Ibid.*, p. 319.

A palavra tipo pode significar outros conceitos, como: exemplar, figura, imagem, símbolo, sinal ou alegoria em geral.

O sentido espiritual do Novo Testamento deve ser situado, pois, na linha do alegórico na sua dimensão larga que abrange as referências à continuidade de Cristo e da Igreja, as referências à vida presente e futura, temporal e eterna, dos cristãos e sobretudo as referências à força exemplar quanto aos costumes.

C. Os Santos Padres como critério discernitivo

Ao analisarmos o sentido típico do Antigo Testamento, constatamos que é imprescindível o recurso a meios de conhecimento, pois que não há uma figuração universal no Antigo Testamento. Existem critérios para discernir os verdadeiros tipos. Considerámos como critérios os seguintes:

- a indicação da luz do Espírito Santo,
- a declaração de Jesus Cristo,
- a afirmação dos Escritores do Novo Testamento,
- a proposta dos Santos Padres,
- a descoberta da Igreja.

O conceito de sentido espiritual-típico circunscreve, em si mesmo, os tipos ao nível do Antigo Testamento.

Mas a limitação e a redução dos tipos depende também dos critérios. Ora os critérios a que Sebastião Barradas faz recurso para conhecer os tipos do Novo Testamento são também indicativos da qualidade típica dos casos que apresenta. Os critérios, não são procurados na luz do Espírito Santo, na declaração de Jesus Cristo, na afirmação de autores posteriores do Novo Testamento, mas são situados ao nível dos Santos Padres e ao nível da Igreja, através da voz dos autores e dos teólogos. Mais propriamente, o critério reduz-se aos Santos Padres.

A autoridade dos Santos Padres é grande para Sebastião Barradas como afirma logo no início da sua obra:

«Quod secundo loco a Ruperto in hac navigatione propositum est, Patrum est veluti syderum contemplatio. Haec ego clarissima sydera semper aspiciam, hos duces sequar, ex his fontibus hauriam, his fluminibus

mea arva irrigabo, sacrorum librorum intelligentiam non ex praesumptione mea, sed ex maiorum scriptis et auctoritate depromam... Neque ego meipsum magistrum habeo: sed Hironymum, Augustinum, Ambrosium, Chrysostomum, Gregorium, patresque reliquos Spiritus Santi lumine illustratos audiam»¹³⁹.

É verdade que Sebastião Barradas considera que o testemunho dos Santos Padres deve ser tido em conta, na determinação do autêntico sentido da Escritura. Mas o testemunho dos Santos Padres é situado dentro do próprio conceito de sentido típico. Se o sentido típico se limita ao Antigo Testamento, aí se deve circunscrever a opinião dos Santos Padres.

Quando os Santos Padres falam de sentido espiritual típico do Novo Testamento, devem ser interpretados numa linha de alargamento do sentido espiritual, isto é, na linha do sentido alegórico lato sensu.

Além disso, Sebastião Barradas é influenciado também pela imprecisão da terminologia do sentido espiritual existente nos Santos Padres, podendo as expressões «sentido espiritual ou sentido típico», significar somente o sentido literal impróprio ou metafórico.

1) Os Santos Padres e o sentido alegórico lato

S. Ambrósio vê no anjo que assiste Zacarias um indicativo de que um anjo assiste também os sacerdotes da Nova Aliança¹⁴⁰. Como afirmei atrás, neste caso, há mais uma comparação do que a constatação da existência dum tipo.

Isabel estéril e dando à luz é tipo da Igreja estéril e fecunda¹⁴¹. Aqui Sebastião Barradas não cita explicitamente nenhum Padre como fundamento, mas na base da sua afirmação deve estar a presença dum Santo Padre, pois todas as suas interpretações estão assentes nos Padres ou nos teólogos¹⁴².

¹³⁹ *Ibid.*, p. V.

¹⁴⁰ *Ibid.*, p. 319.

¹⁴¹ *Ibid.*, p. 365.

¹⁴² «Neque ego meipsum magistrum habeo; sed Hieronymum, Augustinum, Ambrosium, Chrysostomum, Gregorium, patresque reliquos... Neque vero in hoc nostro opere Patres solummodo, sed recentiores quoque Ecclesiae Doctores, qui praeclaras de divinis rebus cogitationes suas litteris mandarunt, citabimus, iusta Domini dictum Matth. 13, ex thesauris Doctorum, Sacraeque Scripturae interpretum nova et vetera proferemus, hoc est, non veteres solum interpretationes veterum autorum, sed novas quoque recentiorum, veluti dapes varias, variis lectorum palatis proponemus». *Ibid.*, p. V.

Também não cita explicitamente nenhum Santo Padre, quando considera tipos dos bispos e sacerdotes os pastores de Belém. Quer os pastores sejam considerados figuras quer sejam considerados exemplares a imitar, o meio de conhecimento dessa função só pode ser algum Santo Padre¹⁴³.

Os casos que acabei de apresentar são extraídos geralmente da secção da interpretação do texto. Vê-se perfeitamente como Sebastião Barradas se mantém na exegese literal dos Evangelhos, somente com rápidas derivações para um sentido espiritual que não é o sentido típico, mas um sentido alegórico lato que não passa de uma proposta de sinal ou de exemplar.

Este valor de exemplar é destacado sobretudo na secção moral, onde a preocupação literal está ausente e onde toda a possibilidade exemplar para a vida e toda a possibilidade iluminadora da doutrina são aproveitadas com liberdade.

Também aqui, o recurso à opinião dos Padres e teólogos é constante e é feito com à vontade pois, no campo da moral, toda a força da Escritura deve ser aproveitada.

O censo de César Augusto é figura de que Cristo chama todo o universo para o Reino celeste. Para acentuar este valor de exemplar ou sinal, são citados: S. Ambrósio Magno, Eutímio, Procópio e Beda:

«Natus est Christus Optimus Maximus, eo tempore, quo universum orbem Caesar Augustus describebat. Et merito quidem. Is enim nascebatur Rex qui vere Augustus, imo et Augustissimus, universum orbem ad caelestem descriptionem professionemque vocabat»¹⁴⁴.

O facto de Cristo nascer dentro do Império Romano é visto como indicativo de que a verdadeira Igreja é a Romana:

«Observa, quaeso, sub quam Monarchia, ac professione, Christus nasci voluerit, nimirum sub Romana. Ut in ipso statim ortu, Romanae Ecclesiae fidem ac professionem extolleret; christianosque omnes romano Pontifici obedientiam profiteri debere, demonstraret.

¹⁴³ *Ibid.*, p. 423.

¹⁴⁴ *Ibid.*, p. 405-406.

Citando S. Ambrósio, diz Sebastião Barradas: «Ut scias (ait Ambrosius, Luc 2) caelum non Augusti esse, sed Christi, totus orbis iubetur profiteri. Quis poterat totius orbis professionem exigere, nisi qui totius orbis imperium? Non enim Augusti, sed Domini est terra et plenitudo eius». *Ibid.*, p. 405.

Em Eutímio, é ressaltada a figura do censo de Augusto: «Euthymius. Praefiguraabat universi orbis subiectio et descriptio, totius mundi ad Christum subiectionem et descriptionem». *Ibid.*

Christus, ut Orosius ait, Libro 6, capite ultimo, romano censui statim adscriptus est, ut natus est; Christianus vero Romanae Ecclesiae statim adscribitur, ut renascitur. Christus (ait Orosius) dicendus erat Romanus civis, census professione Romani: Christianus est Romanus civis, fidei et obedientiae professione Romanae. Christus sub Imperio Romano nascitur; Christianus sub Pontificatu Summi pontificis Romano renascitur. Christus Romano Imperatori obediens, in Bethlehem oritur; christianus Romano Pontifici obtemperans, in Ecclesia vita ducit»¹⁴⁵

A fuga para o Egipto, sendo Cristo ainda criança, é considerada um «tipo» de entrada dos pagãos na Igreja e da recusa dos judeus. O regresso do Egipto figura o acolhimento dos judeus, perto do fim do mundo:

«Iudaeam Christus infans reliquit et ad Aegyptios discessit, ut typice ostenderet iudaeos in perfidia relinquendos, gentes ad fidem vocandos. Post aliquot annos revertitur ab Aegyptiis ad Iudaeos qui post Gentium vocationem, prope mundi finem, ad Iudaeos revertetur»¹⁴⁶.

2) Os Santos Padres e o sentido literal metafórico

O sentido metafórico foi considerado como sentido espiritual, por grande número de Padres e de Teólogos, até ao século XIII, onde domina a figura de S. Tomás de Aquino. Até ao século XIII, por influência de Orígenes e dos Alexandrinos a confusão persistiu. Nem se podem eximir a esta confusão muitos autores da Escola de Antioquia, como Diodoro de Tarso e S. João Crisóstomo¹⁴⁷.

Certos autores, como por exemplo, Hugo de S. Vitor, oscilam e ora consideram o sentido metafórico sentido literal, ora o consideram sentido espiritual¹⁴⁸.

Até ao século XIII, S. Jerónimo sobressai como expoente grande, entre aqueles que decididamente não confundiram o sentido metafórico com o sentido espiritual¹⁴⁹.

¹⁴⁵ *Ibid.*, p. 406.

¹⁴⁶ *Ibid.*, p. 501.

¹⁴⁷ Não parece exacta a afirmação de Pirot quando declara que a Escola de Antioquia viu claramente o sentido metafórico como sentido literal. Cf. *L'oeuvre exégétique de Théodore de Mopsueste*, Roma, 1913, p. 40 e 178, nota 3.

¹⁴⁸ Cf. *De Scripturis et scriptoribus sacris*, 5(PL.175,14); *Eruditio didascalica*, VI, 2 (PL.176, 801).

¹⁴⁹ A. PENNA, na sua análise da exegese de S. Jerónimo, chegou a esta conclusão: «L'avere incluso il linguaggio metaforico nel senso letterale è un merito non piccolo di Gerolamo. In ciò

Sebastião Barradas, por influência dos Padres e dos Teólogos por vezes, falando de tipos ou de sentido espiritual não quer dizer outra coisa que sentido literal impróprio.

Apelando a Teofilacto e a S. Gregório Magno, o nosso autor considera sentido místico a observação do Evangelista acerca dos pais de João Baptista, dizendo que estavam avançados em idade, para significar que se distinguiam por elevada virtude:

«Observavit etiam Theophylactus, dictum esse ab Evangelista de parentibus Baptistae, quod processerant in diebus, ut vitae honestas mystico sensu indicaretur. Progressi erant (inquit Theophylactus) diem habentes, non noctem; vitam ut in luce honeste agentes.

Dies (ait Gregorius Magnus I Rel. 9) est vita iusti. Nam instar diei splendore vei Solis, id est, Christi gratia, illustratur. Vita impii nox est, divinae gratiae carens lumine. Moritur impius plenus noctium, at iustus plenus dierum»¹⁵⁰.

O nosso autor aplica o termo tipo para caracterizar uma metáfora explícita usada no Livro de Joel, onde a abundância dos bens terrenos exprime a felicidade espiritual:

«Hic coronatus annus tempus est Novi Testamenti, annus benignitatis Dei, quia in illo efudit Deus in terras benignitatem ac liberalitatem suam; annus item est gratiae corona decoratus. Eius autem ubertatem spiritalem sub typo rerum corporearum Vates depinxit, quemadmodum et Joel, 2, 23-24: Filii, inquit, Sion, exultate in Domino Deo vestro, quia dedit vobis Doctorem iustitiae (id est, Christum) et descendere faciet ad vos imbrem matutinum et serotinum, sicut in principio et implebuntur areae frumento et redundabunt torcularia vino et oleo»¹⁵¹.

Na continuidade de S. Ambrósio, Zacarias é tomado como tipo do Povo Judaico. Neste caso e tratando-se da circunstância de ficar mudo, parece tratar-se mais dum sinal dado para exprimir a mudez em que as instituições do Antigo Testamento devem permanecer perante a chegada de Cristo.

egli non solo si discostò dall'uso di Origene e degli Alessandrini, ma anche da esegeti della Scuola antiochena». *Principi e carattere*, p. 70.

A. PENNA toma como um verdadeiro princípio geral a observação que S. Jerónimo faz no *Commentário a Habacuc* (3,14): «Quod si quis dixerit: Ecce in hist oriae expositione, dum nescis, allegoriae clausus es retibus et tropologiam historiae miscuisti, au diat non semper metaphoram historiae allegoriam consonare; quia frequenter historia ipsa metaphorice textitur». (Vall. VI, 658). Cf. *Principi e carattere*, p. 74.

¹⁵⁰ *Commentaria*, t. 1, p. 318.

¹⁵¹ *Ibid.*, p. 20.

Sendo um sinal dado, está-se no âmbito do sentido literal impróprio:

«Ambrosius Zachariam populi typum gessisse ait. Typus, inquit populi Zacharias fuit. Hoc ergo illius silentium, silentium Iudaici sacerdotii adumbrat. Silent iam Iudaeorum sacerdotes, silent sacrificia silent templi cantus, muta sunt omnia»¹⁵².

Sebastião Barradas usa o termo «*adumbrare*» que significa a figuração típica, para se referir ao facto do baptismo de Cristo, com o céu aberto e a descida duma pomba, onde há somente uma manifestação simbólica. Confunde, pois, símbolo e tipo:

«Quid illa caelorum patefactio in Christi baptisate? Qui illa columbae, spiritum Sanctum designantis, adulatio? Nonne duos praecipuos Christus effectus, caelorum, scilicet, reserationem et spiritus Sancti largitionem adumbrarunt?»¹⁵³.

D. Análise de factos julgados típicos

A questão que nos ocupa nesta etapa do desenvolvimento sobre o sentido espiritual dos Evangelhos segundo Sebastião Barradas, é verdadeiramente esta: Há nos Evangelhos o sentido espiritual propriamente dito?

Através dos elementos analisados, já foi possível determinar a posição do nosso autor: Não há, no Novo Testamento, sentido espiritual-típico; porém, há o sentido espiritual-alegórico. O primeiro situa-se no Antigo Testamento somente e está projectado para Cristo e para a Igreja, no Novo Testamento. O segundo situa-se num âmbito mais largo, no Antigo Testamento e no Novo Testamento, porém, não parte de figuras-tipos estritos, nem anuncia Cristo e a Igreja, mas refere-se a aspectos do percurso de Cristo e da Igreja, e sobretudo tem força exemplar para os costumes dos cristãos. O sentido espiritual lato é fundamentalmente um «sentido moral», a partir duma referência exemplar.

¹⁵² *Ibid.*, p. 322.

¹⁵³ *Ibid.*, p. 8.

Umbra et adumbrare exprimem o valor típico. «Umbra haec Christi fuit, ut constat ex verbis eiusdem Domini: Sicut Moyses exaltavit serpentem in deserto ita exaltari oportet filium hominis (Jo 3,14). *Ibid.*, p. 478.

«Hi vero umbrae et prophetici quidam typi fuere Christi». *Ibid.*, p. 497.

Vamos focar agora, um pouco mais esta posição do nosso autor, determinando o modo como trata os exemplos comumente aceites como manifestativos de sentido espiritual presente no Novo Testamento. Antes, porém, pudemos contactar já que Sebastião Barradas é mais discernitivo que outros autores influentes, quanto ao problema que nos ocupa.

Não é tão radical como Afonso Tostado que nega absolutamente o sentido espiritual do Novo Testamento. Para Afonso Tostado, o que se chama sentido espiritual não passa de inventividade dos pregadores, sem nenhuma dependência do texto, como o Espírito Santo o quis¹⁵⁴.

Não é tão facilmente afirmativo como Agostinho Antolinez, na sua *Dissertatio de Sensibus Sacrae Scripturae*¹⁵⁵. Agostinho Antolinez considera-se acompanhado por D. Bañez e L. Molina¹⁵⁶. Também tem Maldonado como defensor do sentido espiritual do Novo Testamento¹⁵⁷. Julga-se impelido a estender também ao Novo Testamento o sentido espiritual, mesmo considerado como sentido típico, por duas razões: a autoridade de S. Agostinho e de outros Santos Padres¹⁵⁸ e a existência de vários factos que Cristo realizou para lhe dar, além da história, uma outra significação. Agostinho Antolinez apresenta dois factos: a maldição sobre a figueira que secou por esse motivo (Mt 21,18-22; Mc 11,12-14.20-24) que teria, como sentido típico a destruição da sinagoga; a entrada triunfal de Cristo em Jerusalém (Mt 21,1-9; Mc 11,1-10; Lc 19,29-40; Jo 12,12-19) tendo também o sentido de anúncio da glorificação futura

¹⁵⁴ AFONSO TOSTADO, *Commentarium in Matthaeum*, c.2,q.57; c.13,q.28; *Iosue*, c.6,q.14, in *Opera*, Veneza, 1728, XVIII, p. 226 e XXI, p. 89.

¹⁵⁵ *Dissertatio de Sensibus Sacrae Scripturae*, publicado por GONZALO DIAZ, *Tratado inédito sobre los sentidos de la Sagrada Escritura de Agustín Antolínez*, in «La ciudad de Dios», 177 (1964), p. 498-499.

¹⁵⁶ Cf. D. BAÑEZ, *Commentaria Scholastica in primam partem Angelici Doctoris*, q.1, a.10, dub.3, Veneza, 1585; L. MOLINA, *Commentaria in primam divi Thomae partem*, q.1,a.10, disp.4, Cuenca, 1592, p. 94s.

¹⁵⁷ Cf. *Dissertatio de sensibus*, art. cit., p. 499.

¹⁵⁸ Impõe-se, antes de todos os Santos Padres, S. Agostinho, sobretudo, por algumas afirmações tornadas célebres. Disse: «Habent Christi miracula si intelligantur, linguam suam, quia enim ipse Christus Verbum Dei est, etiam factum Verbi verbum est nobis». In *Ioannis Evangelium*, XXIV, 2 (PL. 35, 1593). No mesmo comentário afirma: «Ea quae fecit Dominus Noster opera et verba sunt; opera quia facta sunt; verba, quia signa sunt». *Ibid.*, 44,1 (PL. 35, 1713). Na mesma perspectiva, S. Agostinho compara os factos realizados por Cristo a um livro adornado com caracteres artísticos; quem olha somente o exterior das letras é semelhante àquele que só entende o sentido imediato; quem compreende o sentido das letras é semelhante ao que entra dentro do sentido figurativo dos factos. *Ibid.*, XXIV, 2 (PL. 35, 1593).

Também é anotada a observação de S. João Crisóstomo à entrada de Cristo em Jerusalém, onde vê, ao mesmo tempo, uma realização de profecia e anúncio de outra profecia. In *Matthaeum*, hom. 66 (PL. 58,627).

Agostinho Antolinez, afirmando a existência do sentido espiritual no Novo testamento, não se preocupa em fazer a distinção entre sentido espiritual estrito e sentido espiritual lato.

Sebastião Barradas aproxima-se mais de Frei Luis de leão, como este se manifesta em *Tractatus de Sensibus Sacrae Scripturae*¹⁵⁹. Luis de Leão trata ex professo da questão do sentido típico do Novo Testamento, uma vez que a alegoria dum factio é situada no Antigo Testamento, em referência ao mistério de Cristo e da Igreja militante¹⁶⁰.

Luis de Leão reconhece que, segundo a definição de sentido típico stricto sensu, não há tipos no Novo Testamento. Porém, em sentido lato, devem ser reconhecidos tipos no Novo Testamento.

O alargamento da figuração típica ao Novo Testamento é aceite bastante contra a vontade, em força de dois argumentos: as declarações dos Padres e Teólogos¹⁶¹, por um lado, e a existência de certos factos que encerram um valor típico acentuado, por outro lado. Luis de Leão apresenta a Eucaristia, enquanto significa a união de Cristo com os cristãos uns com os outros; e o sacramento do matrimónio, anunciando o encontro unitivo de Cristo com a Igreja. São ainda destacados mais dois factos, com valor típico largo: a maldição sobre a figueira (Mt 21,18-22; Mc 11,12-14.20-24) e ressurreição do filho da viúva de Naim (Lc 7,11-17).

A posição de Luis de Leão é muito lúcida, pois nega, em princípio, a existência de sentido típico, no Novo Testamento. Porém, este autor fica enredado numa certa figuração presente nalguns factos do Novo Testamento. É aqui que Sebastião Barradas é mais coerente que Luis de Leão.

A precisão maior do nosso autor é manifestada por dois meios: a sua lucidez perante as interpretações dos Santos Padres, sabendo distinguir quando estes afirmam o autêntico sentido típico e quando afirmam somente um sentido alegórico lato ou mesmo só o sentido literal impróprio; depois, a sua capacidade de não ir atrás duma interpretação típica, nos exemplos comumente apresentados pelos autores, nessa linha.

¹⁵⁹ Cf. *Tractatus de sensibus*, art. cit., p. 258-334.

¹⁶⁰ «Quoniam diximus allegoriam facti esse qua res Veteris. Testamenti significant mysteria Christi et Ecclesiae militantis, dubitare posset quis, an ea definitione, ita comprehensa sit, allegoriae materia universa, ut in Novo Testamento non inveniatur eiusdem sensus spiritualis quo res significant alias res». *Tractatus de sensibus*, *Ibid.*, p. 324.

¹⁶¹ Luis de Leão cita S. Gregório Magno, S. Ambrósio, S. Agostinho, Beda, Glossa Ordinaria, Josse Clichtove (1472-1543). *Ibid.*, p. 324 e 333.

Atrás, vimos como Sebastião Barradas trata a opinião dos Santos Padres. Neste momento, vamos analisar o seu comentário exegético, nos exemplos que outros autores consideraram manifestativos de sentido típico ou, pelo menos, de sentido típico lato:

- a maldição da figueira (Mt 21,18-22);
- a entrada triunfal em Jerusalém (Mt 21,1-9);
- a Eucaristia (Jo 6,56);
- o Sacramentoo matrimónio (Ef 5,32);
- a ressurreição do filho da viúva de Naim (Lc 7,11-17);
- a pecadora, aos pés de Jesus (Lc 7,36-50);
- a barca de Pedro, no lago Genesaret (Mt 8,18.23-27);
- o gesto de Simão Cireneu (Mt 27,31-33).

1) *A maldição da Figueira* (Mt 21,18-22)

A figueira seca pela maldição de Cristo é compreendida na linha da aplicação moral:

«Infructuosus palmes absconditur, fructuosus retinetur, ac expurgatur... Nec profuere ficui folia sola, quominus divina feriretur maledictione, nec proderit Christiano fides sola, quominus aeterno afficiatur supplicio»¹⁶².

Explicando, na secção exegética, a narração da figueira amaldiçoada, começa por a qualificar de parábola ou alegoria, isto é, de sentido literal impróprio:

«Dubitatur cur Dominus, cum sciret ficum carere fructu, ficos in ea quaesiverit. Respondetur Dominum sicut parabolice et metaphoricè multa dixit, sic et parabolice hoc fecisse, ut aliquid aliud significaret»¹⁶³.

Quando Sebastião Barradas toma o facto como parábola, abre o caminho para compreender nesse âmbito o que diz, ao falar de tipo e de figuração. Coloca mesmo o facto no âmbito da aplicação moral:

«Accessit ad ficum, significans se ad Synagogam accedere Israelitarum, fructumque fidei vivae quaerere. Fructum in ficu quaesivit, neque invenit

¹⁶² *Commentaria*, t. 1, p. 463.

¹⁶³ *Commentaria*, t. 3, p. 491.

videlicet indicans fructum se quaerere in Synagoga, neque invenire. Habebant enim Judaeis folia tantum verborum, non habebant fructum, operum.

... Typus autem fuit illius arefactio, arefactionis Iudaeorum.

... Est etiam ficus haec illius Christiani hominis imago, ex quo Dominus fructum, id est, observantiam mandatorum quaerit, fructum vero non invenit, sed folia tantum verborum...»¹⁶⁴.

2) *A entrada triunfal de Cristo em Jerusalém (Mt 21,1-9)*

A entrada triunfal de Cristo em Jerusalém, no modo insólito como é feita, acontece como realização de vaticínios do Antigo Testamento. O nosso autor não sugere, como Antolinez, no seguimento de S. João Crisóstomo, a proclamação típica de acontecimentos futuros:

«Adduci iubet dominus asinam et pullum; quod sane mirum est. Quorsum hoc? Ad complendum vaticinium se accingit. Erat in vaticinis Messiam regem, asinae, pulloque illius insidentem, Ierosolymam venturum; ut vaticinio faciat satis, asinam pullumque iubet adduci»¹⁶⁵.

3) *A Eucaristia (Jo 6,56)*

A Eucaristia contém em si uma significação típica. Esta está ligada ao maná, enquanto anuncia a Eucaristia:

«Vere est cibus et potus, non typicus: longe aliter ac manna. Quasi dicat: Manna quod patres vestri manducaverunt, non erat vere cibus, sed typice; aqua, quae ex petra effluxit, non erat vere potus sed adumbrate. Caro mea non typice, sed vere est cibus, illo manna significatus, sanguis meus vere est potus, illa aqua adumbratus»¹⁶⁶.

Ao comentar Jo 6,56 «*Qui manducat meam carnem et bibit meum sanguinem, in me manet et ego in illo*», nada refere que aluda ao sentido típico da Eucaristia:

«Cibus cum homine et homo cum cibo copulatur ut vitam producat. ad eundem modum, caelestis panis cum homine et homo cum caelesti pani coniugatur, tu vitam aeternam assequatur.

¹⁶⁴ *Ibid.*, p. 492.

¹⁶⁵ *Ibid.*, p. 451. Cf. p. 452.

¹⁶⁶ *Commentaria*, t. 2, p. 677.

Qui manducat... id est, mihi unitur et ego illi. Fit unio haec, et immanentia per amorem et gratiam. Amans enim in amato manet per amorem, atque affectum. Amatam quoque manet in amante. Euchar st a vero Sacramentum summ amor's est...»¹⁶⁷.

4) O Sacramento do Matrimônio (Ef 5 32)

O sacramento do matrimônio, segundo Ef 5,32, tem relação com a união de Cristo e da Igreja. Mas que espécie de relação? Para Luis de Leão, significa tipicamente, ainda que lato sensu, o consórcio de Cristo com a Igreja¹⁶⁸.

Sebastião Barradas, citando S. Jerónimo, em *Comm. in Ezech.* 16, refere que para S. Jerónimo há sentido místico em Ef 5,32¹⁶⁹.

Porém, afirmando que a esposa do Messias se deve tomar espiritualmente, declara que o consórcio espiritual de Cristo com a Igreja é enunciado tipicamente, não no Novo Testamento, mas no Antigo Testamento, no matrimônio de Adão e Eva:

«Ast assurgere a carne ad Spiritum necesse est ei qui singulare hoc coniugium contemplari velit. Excelsum enim est ac divinum, quale Messiae Deo coniugium congruit. Propter hoc, ait Apostolus, Eph. 5,31-32, relinquet homo patrem et matrem suam et adhaerebit uxori suae et erunt duo in carne una. Sacramentum hoc magnum est, ego autem dico in Christo et Ecclesia.

Quibus verbis docet Messiae uxorem esse Ecclesiam, eiusque spiritale coniugium, Adami atque Evae coniugio adumbratum. Quemadmodum, enim vir et uxor arctissimo vinculo sunt colligati, sic Christus et Ecclesia vir et uxor sunt, duo in carne una. Ecclesia et Christus duo sunt in corpore uno: est enim corpus mysticum Ecclesia, cuius caput est Christus»¹⁷⁰.

5) A ressurreição do filho da viúva de Naim (Lc 7,11-17)

O milagre da ressurreição do filho da viúva de Naim, bem como outros milagres, contêm, além da significação histórica, um valor típico que deve ser penetrado, para compreender toda a sua dimensão¹⁷¹?

¹⁶⁷ *Ibid.*, p. 677.

¹⁶⁸ *Tractatus de sensibus*, art. cit., p. 325.

¹⁶⁹ *Commentaria*, t. 1, p. 13.

¹⁷⁰ *Ibid.*, p. 64.

¹⁷¹ *Tractatus de sensibus*, art. cit., p. 333.

Ao comentar este texto (Lc 7,11-17), Sebastião Barradas faz uma análise exegética sóbria mas exacta, explicando o tempo, o lugar, os costumes judaicos, o modo do milagre, as expressões de características hebraicas, a diferença entre esta ressurreição e as ressurreições do Antigo Testamento. Cita somente uma vez Grgório de Nissa.

Na secção exegética, não há a menor alusão a qualquer valor tipológico. É preciso passar à secção moral, quando Sebastião Barradas dá largas às acomodações em função da aplicação aos costumes, para encontrarmos a afirmação de que o filho ressuscitado é tipo do pecador.

Portanto, Sebastião Barradas não reconhece valor tipológico explícito a este milagre. Reconhece valor moral e deste modo compreende as palavras de S. Agostinho:

«Adumbrat filius hic viduae mortuus, et extra portam elatus, auctore Augustino, Sermone 44, de Verbis domini, peccatorem, qui non solum consensu, sed etiam facto peccat, foras enim extra pectus peccatum effert...»¹⁷².

Aos exemplos acabados de apresentar e onde constatámos como Sebastião Barradas se afasta duma interpretação espiritual-típica, para ficar no «sentido» moral ou mesmo no sentido literal impróprio, vamos juntar mais três a que S. Jerónimo atribui um valor típico. Em verdade, S. Jerónimo não restringia a significação típica ao Antigo aestamento. Sobretudo, S. Jerónimo admitia naturalmente os tipos Tnagógicos, no âmbito do Novo Testamento¹⁷³.

6) *A pecadora aos pés de Jesus (Lc 7,36-50)*

A pecadora aos pés de Jesus, para o nosso autor, é um exemplar da conversão da cidade de Roma. Esta relação, constituída por acom-

¹⁷² *Commentaria*, t. 2, p. 548.

Quanto à exegese de Lc 7,11-17: *Ibid.*, p. 545-546.

¹⁷³ ANGELO PENNA podia avaliar o procedimento de S. Jerónimo: «Per Gerolamo le figure tipiche non erano ristrette unicamente all'Antico Testamento, come vorrebbero alcuni moderni»: *Principi e carattere*, p. 142.

«Ad essi (determinados episódios do Antigo Testamento) si riconosce una doppia funzione: una come realtà avvenute in un determinato tempo e registrate nella Bibbia ebraica ed una come «figure» o preannunzi di un fatto o di una verità del Nuovo Testamento.

Il medesimo procedimento si può usare per alcuni episodi del Nuovo Testamento considerati tipi anagogici». *Ibid.*, p. 93. Cf. p. 145.

dação está situada na parte do comentário moral, onde toda a perspectiva figurativa fica reduzida à dimensão exemplar ou alegórica lata:

«Eiusdem (de Roma) vero conversionem Magdalenae conversio mihi adumbrat. De Romana enim urbe vere dici potest: erat mulier in mundo peccatrix et meretrix, quia idola colebat...»¹⁷⁴.

7) *A barca de Pedro no lago Genesaret (Mt 8,18.23-27)*

A barca em perigo na tempestade (Mt 8,18.23-27; Mc 4,35-40; Lc 8,22-25) não é tipo para o nosso comentador. Neste facto, é vista uma imagem das futuras tentações dos Apóstolos e dos cristãos. Trata-se, pois, da referência aos costumes e à vida, dentro da secção moral:

«Ducti praeterea sunt discipuli in tempestatem, tanquam in quoddam futurarum tentationum et procellarum praeludium atque imaginem... Ostenditur vero hac imagine christianam vitam in hoc saeculi pelago, tempestatibus instar naviculae, hoc est, tentationibus, esse impetendam»¹⁷⁵.

A barca de Pedro donde Cristo ensinou a multidão e que Cristo dirigiu para pescar grande quantidade de peixes (Lc 5,1-11), não anuncia tipicamente a Igreja, tendo Pedro como chefe, a partir do facto expresso pelo sentido literal, mas alegoricamente tem um valor exemplar para Pedro e para a Igreja. Diz o nosso autor, na secção «*Morale*»:

«Udenam Christus concionatur? Unde docet iruentem populum? ... Numquid casu factum est, ut ex navi Petri doceret? Minime. Videlicet illo facto adumbrasse voluit sugestum, cathedramque, ex qua orbem docet, navim sedemque esse Petri. Ex nave Petri docet Christus, semperque docebit. Ex navibus haereticorum, Mahometanorum, reliquarumque huiusmodi pestium, docet satanas...»¹⁷⁶.

¹⁷⁴ *Commentaria*, t. 2, p. 575.

¹⁷⁵ *Ibid.*, p. 338.

¹⁷⁶ *Ibid.*, p. 311.

8) *O gesto de Simão Cireneu (Mt 27,31-33)*

Simão Cireneu que levou a cruz de Cristo é para S. Jerónimo o tipo de todos aqueles que iam acreditar, aceitando o Evangelho de Cristo¹⁷⁷.

Para Sebastião Barradas, este facto não ultrapassa uma realidade histórica. Se tem uma expressão acrescentada, não está ao nível do tipo do Novo Testamento, mas ao nível da capacidade exemplar, em vista do aperfeiçoamento moral dos cristãos.

Ainda que esteja situado no comentário exegético do sentido literal, o nosso autor destaca explicitamente a mensagem moral do gesto de Simão Cireneu:

«Petes cur Iudaei in Simonem crucem transtulerint? Respondetur, ut celerius ad Calvariae montem pervenirent.

Moralis vero ratio est, ut intelligamus non esse satis ad salutem consequendam Christum portasse crucem, oportere nos quosque post illum eam ferre. Fert autem crucem Simon angariatus ac coactus, quia corpus nostrum crucem refugit, nisi vi spiritus angarietur et compellatur, numquam eam tollet»¹⁷⁸.

CONCLUSÃO

Foi posta uma questão aguda e difícil: Qual a posição que Sebastião Barradas tomou face ao sentido espiritual do Novo Testamento, especialmente, dos Evangelhos? Qual a sua aceção específica de sentido espiritual dos Evangelhos? Porquê não se propõe investigar o sentido espiritual na exegese que desenvolve em *Commentaria*? Porquê só declara ser finalidade do seu comentário a procura do sentido literal?

1. Impõe-se que tenhamos claramente presente que a noção de sentido espiritual não é simples, quando se toma em dimensão larga.

Abrange fundamentalmente duas realidades: O nível do pensamento divino e a comunicação de Deus através da linguagem das coisas.

¹⁷⁷ Epist. 121,3; (CSEL, 56, p. 15); Cf. *Principi e carattere*, p. 143.

¹⁷⁸ *Commentaria*, t. 4, p. 304.

As coisas podem ser consideradas em dois momentos: antes de tudo, em si mesmas, enquanto existentes e em segundo lugar, enquanto escritas em livros.

A acção de Deus ou o nível do seu pensamento faz-se sentir: nas coisas, intrinsecamente, pela sua existência, na consignação de certas coisas por escrito a que chamamos tipos e na redacção dos livros globalmente.

Considerando isoladamente estes aspectos, podemos afirmar que o sentido espiritual, de uma ou outra maneira, está presente quer no Antigo quer no Novo Testamento.

O sentido espiritual, pela sua complexidade, toma vários nomes, ao longo da tradição cristã. Destacam-se os seguintes: espiritual místico, alegórico e típico.

Sebastião Barradas acusa os diversos aspectos do sentido espiritual e a flutuação dos nomes. Porém, agarra de forma selectiva, o termo típico, porque mais estável, homogéneo e explícito. Por ele exprime a comunicação do pensamento divino através das coisas. É tipo *stricto sensu* quando se refere a certas coisas escritas. É espiritual e típico *lato sensu* quando se consideram as coisas, na sua existência somente ou se generalizam enquanto escritas. Os outros nomes são usados pelo autor, para exprimir vários cambiantes do pensamento divino e da expressão literária.

2. Sebastião Barradas defende o sentido espiritual lucidamente, sem exageros, quanto aos vários aspectos: actuação de Deus no curso das coisas, comunicação de Deus nas realidades típicas e influxo divino na redacção dos livros.

Este terceiro aspecto, que podemos chamar influxo inspirativo, é um dado adquirido da fé que não põe problema. Não é, por isso, considerado no desenvolvimento desta questão do sentido espiritual. Ele é pressuposto categoricamente.

Os outros dois aspectos são considerados explicitamente na minha análise do pensamento de Sebastião Barradas. (Neste estudo porém, somente desenvolvo o segundo aspecto. O que exponho no primeiro não passa de rápida referência).

A actuação pré-literária de Deus sobre as coisas chamo: teologia das coisas. Este é um aspecto essencial na estrutura do sentido espiritual.

As coisas comunicam o pensamento de Deus, já no estado de simples existência. Toda a criação tem uma direcção projectiva de

futuro. Toda a história tem dinamismo de futuro. A história de Israel, particularmente, tem intensidade de significação: caminha para Jesus Cristo, Salvador Universal.

No Antigo Testamento, este dinamismo não foi entendido explicitamente, ao nível espiritual das coisas, nem pelos próprios escritores.

No Novo Testamento, pela inteligibilidade messiânica de Jesus Cristo, este dinamismo divino foi captado pelos próprios escritores.

Daí a diferença entre a presença do sentido espiritual, no Antigo Testamento e Novo Testamento. No Antigo Testamento, a dominante reveladora pertence ao sentido espiritual que só Deus conhece. No Novo Testamento, a dominante pertence ao sentido literal que os autores escrevem, conhecendo já a significação do sentido espiritual do Antigo Testamento e conhecendo antes a significação divina de Jesus Cristo, em si mesmo.

Considerando a acção de Deus em Jesus Cristo no estádio anterior a qualquer escrita, estamos no campo da teologia das coisas.

Sebastião Barradas parte da teologia das coisas, para a exegese; parte de Jesus Cristo para os textos; parte do sentido espiritual, sob este aspecto, para o sentido literal.

Nesta óptica, o sentido espiritual é a compreensão da realidade divina e salvífica de Jesus Cristo, «maxima res», no qual todas as coisas, todas as realidades e toda a história têm sentido.

Jesus Cristo é apresentado, seguindo a exposição de Sebastião Baradas, numa visão grandiosa, em que é o acontecimento dos acontecimentos, é o ponto de chegada dos tempos veterotestamentários e é o ponto de partida para o passado e para o futuro.

Como ponto de chegada, para Jesus Cristo se dirigiram o movimento da história, a educação da Lei e o anúncio das figuras. Como ponto de partida, Jesus Cristo ilumina todo o passado do Antigo Testamento e dinamiza intrinsecamente o futuro, concentrado na Igreja, na vida cristã, na continuidade escatológica e na pessoa da Virgem Maria.

Sebastião Barradas parte desta teologia de Jesus Cristo. Supõe-a pela fé. É um dado anterior à redacção dos Evangelhos. Por isso, quando procura o sentido literal dos Evangelhos, já possui esta visão espiritual. Pode portanto declarar que não a vai procurar.

3. Importa, porém, antes de tudo, recolher as respostas dadas ao aspecto especificamente típico do sentido espiritual.

As respostas agora situam-se dentro do próprio texto escrito dos Evangelhos e na exegese do nosso autor.

Ao nível dos textos, o que os autores dos Evangelhos escreveram engloba duas realidades: a acção pré-literária de Deus e a acção de Deus na comunicação escrita de certos tipos do Antigo Testamento.

O sentido literal dos Evangelhos inclui já, não só a teologia de Jesus Cristo, mas também o sentido espiritual-típico do Antigo Testamento.

Quando Sebastião Barradas procura o sentido literal dos Evangelhos, encontra simultaneamente o sentido literal dos textos e o sentido espiritual do Antigo Testamento. Encontra a presença histórica e misteriosa de Jesus Cristo, a experiencial e a revelada. Os «germani sensus» dos Evangelhos mostram a realização dos «reconditi sensus» do Antigo Testamento. Os Evangelhos iluminam os tipos do Antigo Testamento.

Porém, nem tudo é tipo específico no Antigo Testamento. Os tipos do Antigo Testamento são pessoas, coisas e acontecimentos, com referência a Cristo e à Igreja, cuja ordenação especial Deus conhece e o autor humano desconhece e está fundamentada no sentido literal do texto.

Porque ocultos e misteriosos, os tipos só podem ser conhecidos através de critérios discernitivos: a indicação do Espírito Santo, a declaração de Jesus Cristo, a descoberta pelos autores do Novo Testamento, a proposta dos Santos Padres e a percepção da Igreja.

Sebastião Barradas, como a maioria dos exegetas, na linha patrística, abusa dos tipos. Contudo, devemos distinguir os tipos, que apresenta, em dois campos: em óptica teológica e em óptica exegética. No primeiro aspecto, os tipos são incontáveis. No segundo aspecto, actuando, com um certo rigor, os critérios discernitivos, os tipos são reduzidos.

No Novo Testamento, o sentido espiritual-típico do Antigo Testamento vale o que vale o sentido literal, porque este já o inclui. Por isso é o sentido literal do Novo Testamento que tem valor provativo.

Além do sentido típico *stricto sensu*, há o sentido típico *lacto sensu*, em que, por acomodação, se parte não só das coisas, mas também das palavras para encontrar anúncios e figurações das realidades do Novo Testamento. Esta dimensão larga do sentido típico leva a exageros, abusos e ao alegorismo indiscriminado ou universal.

A questão dos tipos no Novo Testamento tem ainda outra face. Haverá no Novo Testamento, nos Evangelhos, verdadeiros tipos anunciadores do futuro de Jesus Cristo, da Igreja, dos cristãos e da eternidade?

Há a considerar sempre a problemática da terminologia, na sua flutuação e imprecisão. Os mesmos termos podem ser forçados a exprimir várias realidades. É uma situação embaraçosa para a análise dos textos exegéticos. Esta dificuldade existe, em grande escala, na exegese de Sebastião Barradas, sendo o seu comentário um autêntico florilégio de citações. De todos os lados, confluem a Sebastião Barradas opiniões interpretativas. Com elas é arrastado o vocabulário, tão variado como são variados os autores.

Seguindo o comentário de Sebastião Barradas pela terminologia dominante, constatamos que ele não admite tipos *stricto sensu*, nos Evangelhos, mas somente os afirma no Antigo Testamento. Porém, *lato sensu*, Sebastião Barradas admite a presença de tipos nos Evangelhos. Estes são predominantemente exemplares para a vida da Igreja e dos cristãos. Outras vezes, os tipos encontrados nos Evangelhos não passam de manifestação do sentido literal impróprio, segundo a confusão comum até ao século XIII.

Sebastião Barradas, por influência dos Santos Padres e por preocupação moral constante, alarga o leque dos tipos *lato sensu*.

Porém, o autor é enérgico e lúcido quanto à recusa de tipos verdadeiros, em sentido estrito, nos Evangelhos e no Novo Testamento em geral. Quando outros exegetas declaram que certos acontecimentos ou realidades dos Evangelhos possuem autêntico valor típico, Sebastião Barradas permanece inabalável na sua posição de recusa. Concretamente, não concede significação típica específica aos seguintes factos: a maldição da figueira (Mt 21,18-22), a entrada triunfal de Cristo em Jerusalém (Mt 21,1-9), a Eucaristia (Jo 6,56), o Sacramento do Matrimónio (Ef 5,32), a ressurreição do filho da viúva de Naim (Lc 7,11-17), a pecadora aos pés de Jesus (Lc 7,36-50), a barca de Pedro no lago Genesaret (Mt 8,18.23-27) e o gesto de Simão Cireneu (Mt 27,31-33).

Estes são considerados, em óptica moral, como exemplos para a vida eclesial e cristã.

Sebastião Barradas, ao propor-se fazer uma exegese literal, afirma simultaneamente uma exegese espiritual que é tida como pressuposto iluminativo pela visão teológica de Jesus Cristo (teologia das coisas) e que é incluída, enquanto inteligibilidade dos tipos do Antigo

Testamento (exegese espiritual das coisas). Porém nega que a sua exegese literal dos Evangelhos declare a existência de verdadeiros tipos anunciadores do futuro relacionado com Jesus Cristo.

Esta perspectiva de sentido espiritual dos Evangelhos justifica o segundo elemento da fórmula binária dos sentidos bíblicos, assumida por Sebastião Barradas, e corresponde à linha noemática da *Ratio Studiorum*.

MANUEL MARQUES GONÇALVES